

memória e linguagens **culturais**

Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas
Formas de Expressão
1º Semestre · 2021
Ano 11 · Nº 17
Edição Especial
Turma Fora de Sede Estrela

**Memórias... tantas memórias.
Cidades do Vale do Taquari**

Programa de
Pós-Graduação em
Memória Social
e Bens Culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 

Esta revista é uma criação dos alunos do curso de Mestrado e Doutorado em Memória Social e Bens Culturais, da Unilasalle Canoas, para a Disciplina de Oficinas de Linguagens Culturais e Suas Formas de Expressão, de 2021, sob orientação da professora Dra. Zilá Bernd, da professora Dra. Lucia Regina Lucas Rosa e da prof. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan.

**SOBRE O PPG EM
MEMÓRIA SOCIAL E BENS CULTURAIS**

O Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais (PPG-MSBC) é composto por um curso de mestrado profissional e um doutorado acadêmico. O mestrado profissional é um diploma equivalente ao de mestrado acadêmico, autorizando o titulado a atuar no Ensino Superior. Sua vantagem em relação a um curso acadêmico é a ênfase no impacto social da pesquisa científica: para além de uma dissertação, o Mestre Profissional gera uma série de produtos técnicos que contribuem para que sua pesquisa repercuta imediatamente na sociedade – em organizações, instituições, empresas, etc. Trata-se, portanto, de um processo de formação que enfatiza a inserção profissional para além dos muros da Universidade.

**SOBRE A DISCIPLINA DE OFICINAS DE
LINGUAGENS CULTURAIS E SUAS
FORMAS DE EXPRESSÃO**

Noções de linguagens: comunicação e expressão. Linguagens como suporte da memória cultural. Linguagem como espaço de negociação identitária, de interação cultural e de passagens transculturais. Adequação das linguagens a diferentes usos (midiáticos, técnicocientíficos e simbólicos). Linguagens e mediações tecnológicas: texto, imagem e som no universo digital. Heterogeneidade, mobilidade e hibridação das linguagens. Olhar, foco e perspectiva.



Capa: Convento Franciscano São Boaventura no Município de Imigrante / RS.
Foto: **Fernando Pires**

EXPEDIENTE:

Reitor

Prof. Dr. Paulo Fossatti

Vice-Reitor

Pró-Reitor de Pesquisa e Extensão

Pró-Reitor de Graduação

Prof. Dr. Cledes Casagrande

Diretora de Pós-Graduação e Pesquisa

Prof. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan

**Coordenadora do Programa de Pós-Graduação
em Memória Social e Bens Culturais**

Prof. Dra. Cleusa Maria Gomes Graebin

**Vice-coordenadora do Programa de Pós-
Graduação em Memória Social e Bens Culturais**

Prof. Dra. Tamara Cecília Karawejczyk Telles

**Professoras da Disciplina de Linguagens
Culturais e Suas Formas de Expressão**

Prof. Dra. Zilá Bernd Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa e prof. Dra. Patrícia Kayser Vargas Mangan

Projeto Gráfico, Diagramação

Paulo **Fernando Pires** da Silveira

Fotos

Banco de Imagens Pixabay.com e Fernando Pires
Foto+Grafia, exceto quando indicadas na seção.

Revisão

Prof. Dra. Zilá Bernd

Prof. Dra. Patrícia Kayser Mangan

Prof. Dra. Lúcia Regina Lucas da Rosa



editorial

Foto: Fernando Pires

Memórias... tantas memórias. Cidades do Vale do Taquari

A Revista Memória e Linguagens Culturais é uma publicação semestral de divulgação científica, vinculada à Linha de Pesquisa Memória e Linguagens Culturais do Programa de Pós-Graduação em Memória Social e Bens Culturais da Universidade La Salle. Seu objetivo é veicular produções discentes realizadas no âmbito das disciplinas de “Mobilidades Culturais” e da “Oficina Linguagens culturais e suas formas de expressão”. Em formato de magazine, é um canal de comunicação entre as produções de alunos de mestrado e doutorado em Memória Social e Bens Culturais e a comunidade. Sua linha editorial propõe (1) questões ligadas às diversas formas de expressão das linguagens culturais como textos escritos, autobiográficos, literários, jornalísticos, teatrais, das artes visuais, etc (2) estudos de caso de mobilidades culturais – espaciais, temporais, discursivas e linguísticas; e (3) análises

críticas da noção de mobilidade cultural em contextos de globalização e/ou de fronteira, marcados por fluxos migratórios, transferências e choques culturais.

No segundo semestre de 2018, o Programa de Pós-graduação em Memória Social e Bens Culturais iniciou um novo desafio: implantar uma turma fora da sede de seu mestrado profissional. A partir da parceria da Universidade La Salle (Canoas-RS) com a Faculdade La Salle (Estrela-RS), um grupo de mestrandos iniciou sua formação no município do Vale do Taquari. Para integrarmos a publicação da Revista Memória e Linguagens Culturais, na disciplina Oficina de Linguagens Culturais e suas Formas de Expressão, os mestrandos foram desafiados a escreverem sobre alguma memória pessoal em relação ao Vale do Taquari.

Nessa proposta, com o tema **Memórias...tantas memórias. Cidades do**



Vale do Taquari, apresentamos as produções dos alunos e suas memórias de diversos locais e momentos que, de alguma maneira, marcaram sua trajetória de vida. Começamos com Fabiele Lermen Spohr narrando sobre a primeira turma do PPG em MSBC fora de sede, contando um pouco sobre a história da UniLasalle Canoas, como também, a Faculdade La Salle Estrela e da importância do curso em nível de Mestrado para a região do Vale do Taquari.

A seguir, Izabel Cristina Martins da Rosa Schneider relata suas idas e vindas pelas estradas entre sua cidade de moradia, a cidade de seu trabalho e a cidade onde estuda, revelando-se uma professora e estudante que passa mais tempo na estrada que em um lugar fixo. Izabel ressalta o quanto o sentimento de não-pertencimento vem a ela de vez em quando, principalmente, ao ouvir os relatos dos colegas quanto aos lugares que descrevem.

Marco Aurélio Wermann nos brinda com um tema que perpassa alguns outros textos desta Revista: o rio Taquari. Para Marco, o rio transportava mercadorias, pessoas e sonhos, por isso, destaca a relação do Taquari com a população de Estrela ao longo da história.

Alexsandra Petry, com o título *A rua é o seu quintal*, descreve e relembra como eram as ruas da cidade de Estrela no passado e revela nostalgia devido às mudanças ocorridas com o crescimento da cidade. Darlã Berlini remonta aos primeiros imigrantes italianos que chegaram ao Brasil e o orgulho dessa origem, em Estrela, ao fundarem a Sociedade Italiana Fiori dei Piani. Em sua escrita, Darlã descreve o que faz a Associação e o quanto seus integrantes são unidos e ativos nos eventos.

Josemir José Gregory contextualiza as memórias da Igreja Matriz Santo Antônio, no município de Estrela, como um importante local para congregar os imigrantes vindos da Europa, dando-lhes uma sensação de pertencimento, unidos pela fé. Em seu histórico, a Igreja Santo Antônio passou por diversas obras, constituindo-se significativo trabalho coletivo da comunidade. Zuleica Regina Rambo descreve as atividades do Núcleo Cultural de Estrela, discriminando os fundadores e colaboradores e o funcionamento do Núcleo. Zuleica destaca apresentações e atividades realizadas de culinária, de música e a importância de tais atividades para os

frequentadores. Mariana Galeazzi Modesti traz as memórias do cais do porto nas suas escadarias e o quanto a escadaria já foi um local de encontro e de lazer aos munícipes de Estrela. Mariana destaca a relação harmoniosa da cidade com o rio.

Márcia Andréia Beppler enaltece o parque Princesa do Vale como ponto de encontro entre as pessoas em Estrela, um espaço público no coração da cidade. Neste parque há muitas histórias marcantes na vida dos moradores. Patrícia Branco também se refere a um ponto antigo em Estrela: a praia do Cascalho, local de encontro de famílias, amigos e pescadores. Ao contar histórias pitorescas junto à praia do Cascalho, Patrícia relata seu fim, dando lugar ao Porto em nome do progresso da cidade de Estrela.

Cláudia Argiles da Costa registra a história do Colégio Santo Antônio, mesmo local onde situa-se hoje a Faculdade La Salle Estrela, e relata desde a origem fundada pelos jesuítas, passando em seguida para as Irmãs Franciscanas, e tendo continuidade com a Associação de Pais, Professores e Amigos do Santo Antônio – APASA, integrando valores e constituindo-se um importante educandário comunitário em Estrela.

Carlos Evandro Schneider, em seu texto sobre a educação no Vale do Taquari, conta o quanto era raro estudar em tempos atrás e o quanto foi importante ter superado obstáculos para prosseguir nos estudos, contrariando expectativas da época.

Leandro de Marque faz uma homenagem à Casa do Morro, em Cruzeiro do Sul, traçando um minucioso histórico sobre essa importante atração turística. Leandro destaca a localização da Casa do Morro, que privilegia uma visão do Rio Taquari, e das Cidades de Cruzeiro do Sul, Lajeado e Estrela, integrando parte do Vale do Taquari.

Angélica Heinen Mahle mostra o esporte e o lazer reverenciados na cidade de Santa Clara do Sul, destacando a construção do Parque Multiesportivo Odilo Klein como ótima opção de entretenimento.

Renato Kreimeier alude à cidade de Teutônia como a capital do canto coral. Em seu texto, traça um breve histórico sobre o coro e sua importância para a humanidade. Renato ainda descreve a colonização alemã em Teutônia e as reuniões informais com os vizinhos em tempos mais antigos, com a presença da música. Éber Gustavo Jung cita a

Esta edição especial que é agora lançada, além de celebrar as memórias e os espaços do Vale do Taquari em narrativas pessoais, comemora o encerramento deste ciclo de formação.

Igreja São José de Santa Manuela como uma oportunidade de conhecê-la melhor. Reconhecida a importância da igreja para a cidade de Paverama, Éber rememora cenas vividas ao redor da igreja.

Marciane Blume Inamine presta homenagem ao professor e administrador público Leonildo José Mariani, ex-prefeito de Estrela e um dos impulsionadores do crescimento da cidade. Marciane destaca suas benfeitorias na

cidade como um legado até os dias atuais. A Revista finaliza com a escrita de Elaine Nagel sobre a história da fabricação de cerveja em Estrela, especialmente, a cerveja artesanal e a marca de destaque da cerveja Polar. Elaine analisa as motivações para beber cerveja e os sentimentos evocados.

Esta edição especial que é agora lançada, além de celebrar as memórias e os espaços do Vale do Taquari em narrativas pessoais, comemora o encerramento deste ciclo de formação. Com as primeiras defesas ocorrendo em julho de 2020, e a última defesa ocorrendo em março de 2021, dedicamos esta edição aos dezessete mestres em Memória Social e Bens Culturais. Ainda que nem todos os mestres tenham participado deste número, e alguns dos que aqui contribuíram, por um motivo ou outro não finalizaram o curso, é motivo de muito orgulho apresentar este material. Aproveitamos para agradecer à acolhida ao nosso Programa de Pós-graduação e a parceria com a Faculdade La Salle Estrela, que sempre apoiou as ações desenvolvidas neste período tão rico de trocas. Com desejos de que essa parceria perdure, encerramos parabenizando os mestres e desejando uma agradável leitura.

Prof. Dra Patricia Kayser Vargas Mangan
Prof. Dra Lúcia Regina Lucas da Rosa
Prof. Dra Zilá Bernd



sumário

editorial

3

sumário

6

artigos

**Turma fora de sede em Estrela,
uma experiência fora de série!**

Fabiele Lermen Spohr

1

Estrada, meu paradoro

Izabel Cristina Martins da Rosa Schneider

2

Uma visão sobre o Rio Taquari

Marco Aurélio Wermann

3

A rua é o seu quintal

Alexsandra Petry

4

**Siamo tutti felicci
que vinhesta qua!**

Darlã Berlini

5

**Igreja Santo Antônio:
um espaço de memória
e identidade em Estrela**

Josemir José Gregory

6

Núcleo Cultural de Estrela

Zuleica Regina Rambo

7

**A escadaria: memórias
de um cais do porto**

Mariana Galeazzi Modesti

8

**Parque Princesa do Vale:
memórias de um espaço**

Márcia Andréia Beppler

9

Praia do Cascalho

Patrícia Branco

10

**Colégio Santo Antônio
revitaliza espaço histórico
de educação regional**

Cláudia Argiles da Costa

11

**Nenhuma criança
sem escola no Vale do Taquari**

Carlos Evandro Schneider

12

**Casa do morro:
uma patrimônio histórico
em Cruzeiro do Sul**

Leandro de Marque

13

**Santa Clara do Sul:
uma cidade que vivencia
o esporte e o lazer.**

Angélica Heinen Mahle

14

**Capital nacional
do canto coral - Teutônia/RS**

Renato Kreimeier

15

**Igreja São José
de Santa Manuela:
minhas primeiras impressões**

Éber Gustavo Jung

16

**De professor
a Administrador Público:
memórias de Leonildo**

José Mariani

Marciane Blume Inamine

17

**FABRICAÇÃO DE CERVEJA
ARTESANAL EM ESTRELA:**

**Uma história,
muitas lembranças, grandes
negócios e o surgimento
de muitos encontros...**

Elaine Nagel

18



Foto: site LaSalle Estrela

A primeira turma do Mestrado em Memória Social e Bens culturais fora de sede La Salle Estrela

O Mestrado em Memória Social e Bens Culturais faz parte do Programa de Pós-Graduação da UniLaSalle de Canoas, porém, no segundo semestre de 2018, o mestrado foi ofertado fora de sede, na La Salle de Estrela - RS. Estas insti-

tuições de ensino superior da Rede Lassalista pertencem a uma rede que está presente em diversos países e que se pautam em uma educação de qualidade e de excelência, com princípios cristãos.

O Mestrado em Memória Social

e Bens Culturais possibilita uma formação sólida, pautada nas demandas culturais da sociedade contemporânea. O mestrado analisa as memórias sociais e os bens culturais no processo de construção da identidade cultural de grupos sociais. Como este curso é interdisciplinar, no Mestrado na La Salle de Estrela, temos a presença de profissionais das mais diversas áreas, como: civil, militar, saúde, políticas públicas, gestores, inclusive eu, que sou da área da educação, e atuo como professora.

Este artigo visa contar um pouco sobre a história da UniLasalle de Canoas, como também, da Faculdade La Salle de Estrela e sobre a primeira turma a ser ofertada fora de sede. Uma turma com grandes vivências nas mais diversas áreas, buscando o aperfeiçoamento e aprimoramento profissional a partir dos estudos do mestrado em Memória Social e Bens Culturais.

Ao saírem da graduação ou da especialização, muitas pessoas já têm em mente a necessidade de continuarem buscando o aperfeiçoamento e a atualização. Para tanto, almejam estudos que venham contribuir de fato para seu aprimoramento profissional, sendo o mestrado uma incessante procura e desejo de muitas pessoas.

Existem programas de pós-graduação para diversas áreas, e em todo o país, o que facilita as chances de conquista da tão sonhada vaga no mestrado.

Uma universidade tão almejada e vista com "bons olhos" é a Universidade La Salle de Canoas, que faz parte da Rede La Salle. A Rede La Salle é composta pelos Ir-

mãos Lassalistas, e mantém mais de 993 instituições de ensino, além de estar presente em 80 países. A Rede La Salle é reconhecida pela excelência de ensino e pela formação humanística. No Brasil, a Rede La Salle está presente em 9 Estados e no Distrito Federal com mais de 47 mil alunos.

Conforme o site da Universidade (<https://www.unilasalle.edu.br/canoas>), a UniLaSalle de Canoas, em 1976, iniciou suas atividades como Centro Educacional La Salle de Ensino Superior, com a implementação do curso de Estudos Sociais e posteriormente os cursos de Letras e Pedagogia, devido à filosofia da Congregação. Com o passar dos anos e

com o surgimento de novos cursos, o Centro Educacional tornou-se então Centro Universitário - UniLaSalle.

Devido ao grande aumento de alunos, e a vasta extensão de cursos de especialização, em 2007 iniciou o curso de Mestrado em Educação, e em dois anos seguintes, surgiu o Mestrado em Memória

Social e Bens Culturais, posteriormente, o Programa de Mestrado foi se adequando e surgindo outros cursos com o passar dos anos.

Então, em 2017, o Centro Universitário La Salle foi reconhecido como Universidade, dando continuidade à educação com princípios cristãos e de excelência, marca do compromisso da Rede La Salle.

Já a Faculdade La Salle está situada em Estrela, a 98 km da UniLaSalle de Canoas. Estrela é um dos municípios mais antigos do Vale do Taquari.

No ano de 2006, conforme o site da La Salle (<https://www.unilasalle.edu.br/faculdade/es>

No Brasil, a Rede La Salle está presente em 9 estados e no Distrito Federal com mais de 47mil alunos.

trela), a prefeitura de Estrela manifestou interesse em ofertar educação superior no município, já que são poucas instituições de ensino superior presentes nesta região, firmando assim, uma parceria com a Rede Lassalista. Então, no ano de 2007, a prefeitura estabeleceu contato com a Mantenedora e foi criada a Faculdade de Tecnologia La Salle - Estrela.

A faculdade La Salle funciona nas instalações do educandário privado, Colégio Santo Antônio, onde também é oferecida a educação básica. A faculdade situa-se no centro da cidade de Estrela, possibilitando fácil acesso ao transporte público, como também, rápido acesso aos municípios vizinhos da região. Ela é coordenada por uma equipe engajada pelo espírito cristão, e que está sempre comprometida com os princípios da Rede Lassalista.

A faculdade La Salle dispõe de um prédio antigo, porém, muito bem conservado e agradável. As salas são todas equipadas com ar-condicionado e retroprojetores, cadeiras, mesas, quadros, todas são muito amplas e arejadas. A primeira turma do mestrado, na qual faço parte, é muito privilegiada, pois temos uma sala reformada. A sala é linda! Esta sala apresenta mesas em formato de "U" que suscita um trabalho contínuo, em grupo, algo que representa a união do nosso grupo. Além disso, a mobília é branca, com almofadas coloridas, dando um ar muito moderno e contemporâneo. As cadeiras são estofadas e muito confortáveis, possibilitando um ambiente agradável de aprendizagem.

A turma é composta por 20 alunos, das mais diversas idades e profissões, possibilitando uma rica troca de aprendizagens e vivências. O grupo é muito seletivo, criativo e dinâmico. Estamos sempre nos ajudando, auxiliando e contribuindo para a construção de aprendizagem. As trocas de experiências e a visão ampla que o grupo tem frente às questões abordadas em aula são fundamentais para o processo de aprendizagem do mestrado.

Como sou professora, tenho admirado as dinâmicas e metodologias ativas que os professores do mestrado utilizam, que, apesar de ser um curso de pós-graduação, se fazem presentes metodologias ativas e dinâmicas, que contribuem para a aquisição do conhecimento. As aulas são muito diferenciadas e atrativas! Os professores do mestrado são profissionais excepcionais, alguns mais dinâmicos, outros mais tradicionais, porém, percebe-se o nível de excelência destes professores.

Nota-se claramente, que possuem muito conhecimento e segurança no assunto que estão abordando nas aulas, e estão contribuindo fortemente para nosso aprimoramento profissional e processo educativo. Destaco que as aulas do mestrado, geralmente, são conduzidas por 2/3 professores, diferentemente dos cursos de graduação e especialização em que é apenas 1 professor. E ressalvo que as aulas são muito válidas, pois é nítida a ligação destes professores, é muito oportuna essa organização, contribuindo para uma aprendizagem mais eficaz.

Também saliento que, duran-

**A turma é
composta por 20
alunos, das mais
diversas idades
e profissões,
possibilitando
uma rica troca de
ap aprendizagens
e vivências.**



Foto: site LaSalle Estrela

te os intervalos, os professores do mestrado permanecem conosco, os mestrandos. Nesta ocasião, nos sentimos ainda mais à vontade com os docentes, são momentos de muita descontração, conversas e trocas. Mais uma experiência rica dos encontros.

Os encontros do mestrado ocorrem quinzenalmente, nas sextas-feiras à noite, e nos sábados no turno da manhã e da tarde. Apesar de serem dois dias muito intensos, são dias de muitas aprendizagens e reflexões. O Mestrado em Memória Social e Bens Culturais é um mestrado profissional, que viabiliza um impacto social da pesquisa científica, sendo que o mestrando, realizará diversas produções que, de fato, contribuirão na sociedade e nas identidades de uma cultura. O mestrado em Memória Social e Bens Culturais:

“Trabalha questões relativas à memória social, pensada como um campo a partir do qual se pode refletir sobre: as relações entre memória, cultura, identidade, linguagem, espaço e representações sociais; memória, cultura, educação e patrimônio cultural (material, imaterial e natural); produção, circulação, apropriação e usos sociais de bens culturais (materiais, imateriais e naturais); memória, cultura, informação e comunicação. Aprofunda estudos sobre a pluralidade de culturas e de memórias; sobre os diferentes espaços e lugares de memória, patrimônio cultural em uma perspectiva integral; e sobre as relações entre desenvolvimento social e econômico a partir do uso ético e responsável dos bens culturais.”

Desta maneira, o mestrado analisa as memórias sociais e os bens

culturais no processo de construção da identidade cultural de grupos sociais, sendo um curso interdisciplinar que capacita de forma teórica e técnica aos profissionais para atuarem nas áreas da memória social, da cultura e da gestão de bens culturais.

Um dos principais autores que aborda sobre a Memória Social é Maurice Halbwachs, sendo o seu livro aporte teórico condizente para as aulas do mestrado. Segundo Halbwachs (2006), as memórias são construções dos grupos sociais, são eles que determinam o que é memorável e os lugares onde essa memória será preservada. Ou seja, essa reconstrução

Foto: Acervo da Autora.

...um curso interdisciplinar que capacita de forma teórica e técnica aos profissionais para atuarem nas áreas da memória social, da cultura e da gestão de bens culturais.

do passado ocorre pelos grupos sociais do presente. As memórias de um indivíduo nunca são só suas e nenhuma lembrança pode existir apartada da sociedade.

O Mestrado em Memória Social e Bens Culturais da Rede La Salle mostra o compromisso da Rede Lassalista com os princípios cristãos e do conhecimento, como ferramentas de ensino, aprendizagem e transformação social. Este curso de mestrado tem de-

monstrado a importância do patrimônio cultural, artístico, ambiental, científico e tecnológico para a vida social e cultural. O mestrado tem possibilitado um leque de aprendizagens e construções.

Está sendo gratificante fazer parte da Rede Lassalista, uma rede de educação cristã, que é reconhecida por sua excelência e qualidade.

REFERÊNCIAS:

<https://www.unilasalle.edu.br/canoas/a-universidade/http://lasalle.edu.br/faculdade/estrela/>

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 2006.



Autora:

FABIELE LERMEN SPOHR -



Formada pelo Curso Normal, graduada em Letras-Espanhol e mestra em Memória Social e Bens Culturais. Professora por formação e vocação.





Foto: IZABEL CRISTINA MARTINS

ESTRADA, MEU PARADOURO

Diariamente viajo de uma cidade para outra, muitas vezes, no automático.

Minha trajetória inicia-se em Lajeado, junto à aurora do dia, quando entro no meu carro e me dirijo para o trabalho, perfazendo o trajeto, utilizando a rodovia RST-453, que liga Uruguaiana a Terra de Areia. Esta rodovia, também conhecida como Rota do Sol, gentilmente cruza o município ligando o

centro do Estado ao nosso Vale. Ao me deslocar por entre ela sinto, em meu rosto, o amanhecer de um novo dia esperando encontrar meu lugar. Augé (apud GUTIERREZ e LEDESMA, 2015) afirma que “[...] se um lugar pode se definir como identitário, relacional e histórico, um espaço que não pode se definir nem como identitário, nem como relacional, nem como histórico definirá um não lugar [...]”. (p. 17).

Chego então, ao meu primeiro destino, a Escola de Educação Infantil que situa-se em um bairro próximo, na qual permaneço durante seis horas da minha vida diariamente, professando com muita dedicação e convicção a profissão que minha alma escolheu para seguir esse caminho de zelo que tenho por meus pequeninos.

Saio dali e vou para a BR 386, de onde inicio o meu percurso para a próxima cidade, Estrela. Parece tudo voar através dos meus olhos, fábricas, paradas de ônibus, mercado, e sim, muita estrada, é um vai e vem de carros, ônibus, caminhões, carros de polícia, resgate, ambulâncias, todos apressados para chegar ao seu destino, é o "intervalo" do almoço. O asfalto que aproxima as pessoas com seus entes queridos, lembranças e memórias.

Fico a observar, em certos dias, a paisagem que nem sempre agrada aos meus olhos, pessoas a sofrer embaixo do viaduto, frio, calor a assolar essa família que ali estava e agora, se foram, é... uma vez, olhei e tudo ali estava sendo aterrado. Me fiz algumas perguntas: Para onde foram? Será que estão bem? Não sei, sei que ali não estão mais!

Retomo meu olhar para o asfalto, que, no verão escaldante, contrasta com a refrescância das águas do rio Taquari, que serpenteia o nosso Vale e proporciona lazer, alimento e labor a vários habitantes dos diversos municípios que por ele são banhados.

“[...] no verão, escaldante contrasta com a refrescância das águas do rio Taquari, que serpenteia o nosso Vale [...]”

“[...] ainda não encontrei o meu lugar, mas penso que todos estes lugares também são meus [...]”

Busco em meu trajeto algo para contemplar todos os dias na ida e na volta. E, por mais que eu tente olhar, tudo passa tão rápido que, muitas vezes, já passou. Vejo em poucos segundos o refrescante rio Taquari, e ali está o porto de Estrela, onde barcos ancoram deixando um pouco de si, trazendo consigo a saudade dos viajantes. Eles se utilizam do rio como local de trabalho, e ali, mal consigo enxergar sua estrutura, mas consigo ler, preso em seus grandes silos, que contêm os grãos produzidos no

Vale "Porto de Estrela". Conta a história que foi inaugurado em 1977 e o acesso hidroviário só foi pleno após a conclusão da eclusa de Bom Retiro do Sul, situado a alguns quilômetros rio abaixo.

Ao entrar no trevo de acesso de Estrela é possível vislumbrar a origem germânica, apresentada em algumas arquiteturas da cidade, não me canso de contemplar o ajardinamento que há no canteiro central da nossa Princesinha do Vale, assim como é conhecida carinhosamente. Faço esse percurso por um curto tempo, mas sinto enchendo meus pulmões ao respirar a fragrância das flores que perfumam o meu caminho e chego ao meu destino, a Escola de Ensino Fundamental 20 de Maio, onde sou Orientadora Educacional, escola essa para a qual tenho muito carinho.

Durante o crepúsculo, realizo meu regresso para o aconchego de meu lar em que inicio uma nova jornada, parece tudo igual, mas não é... a

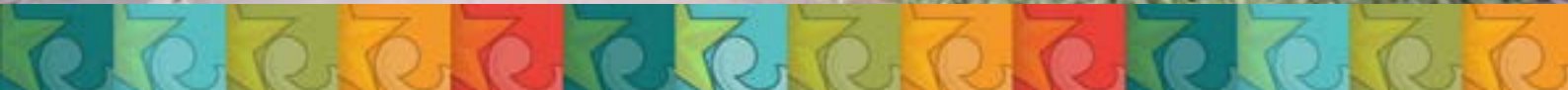


Foto: IZABEL CRISTINA MARTINS

arborização exuberante das pétalas do trevo fazendo-me revisitar minhas lembranças, bosques e praças por onde passei em minha infância, faço conexões durante o tempo em que estou no meu trajeto, me despeço deste município em que ali permaneci por quatro horas. Meus olhos percorrem pelo trevo e ali observo do outro lado, em uma das pétalas, o Chuck e Ruth, monumento cultural que nos remete à colonização germânica, trazendo para os nossos olhares um pouco da história deste lugar.

Sigo a minha viagem e vislumbro esse caminho enchendo meu olhar e sentimento de tudo que possa me conectar ao meu lugar. Os carros, carretas, ônibus de viagem me fazem lembrar de como cheguei por aqui, apenas com uma mala cheia de sonhos. A arborização florida que há nas margens da BR-386 me encantam,

a tonalidade das flores e folhas causadas pelo entardecer, a sombra que meu carro pega por alguns instantes que refrescam o meu ser. Por vezes, no verão, a chuva que molha o meu carro é o sol que seca do outro lado da ponta, fico a pensar que clima tão louco, que de um lado tem chuva intensa e do outro, sol radiante. E no inverno são contrastantes os fenômenos da natureza, em Estrela, uma densa cortina de neblina cerrando os olhares para a cidade e em Lajeado, sem resquício algum desta neblina.

Essa cortina de neblina, que se esvai na medida em que vou atravessando a ponte Estrela-Lajeado, faz meus olhos descobrirem as maravilhas que há nas margens do Rio Taquari. A primeira imagem que marca meu trajeto, em Lajeado, são as torres da Igreja Matriz Santo Iná-



Foto: IZABEL CRISTINA MARTINS

cio de Loyola à minha esquerda, que luta para manter sua imponência devido às intempéries do tempo, marcada por uma grande tragédia, seu incêndio no ano de 1953. Imagem que me faz refletir sobre seu surgimento e memórias que ali residem.

Este templo me remete à lembrança que tenho do início de minha vida, o meu batizado. Com isso faço idas e vindas em minha memória para lembrar dos detalhes que escutei desta data em minha infância. Vendo as fotos de batismo, percebo a grande semelhança que há entre elas.

No percurso que se segue vou buscando semelhanças e reconhecimentos, pois ainda não encontrei o meu lugar, mas penso que todos estes lugares também são meus, fazendo parte de minhas memórias. Diariamente busco minha identificação,

meu pertencimento, porque “[...] Identificar-se é fazer parte, é incluir-se em um determinado meio, é criar vínculos [...]”. (COLOMBO 2017, 178).

Fico a pensar, muitas vezes, em quem passa por mim, ouço rádio, mas o que eu queria era poder parar pelo caminho e contemplar algo que realmente pertencesse a mim, aos meus sentimentos, assim como meus colegas falam de suas experiências de infância nesses lugares ou cidades que citei. O lugar que me vejo quando fecho os olhos remete-me à grama verdejante, onde estou a rolar, a correr, passar pela ponte no lago do Parque Barigui ou cruzar o lago com o Cisne, um pedalinho que, por vezes, eu e meu tio e o cachorro Falcão passeávamos. Eu só queria sentir aqui a emoção que sinto

de lá! Mas não, a saudade da minha cidade é muito grande, para mim, seria fácil descrever o Passeio Público, ou a praça Osório em que ia todas as vezes que tinha dentista, brincar no escorregador que tinha um túnel, sim isso, para mim não tinha preço. E depois parar em uma lanchonete e tomar uma deliciosa e refrescante “Wimi”... “Ai que saudades que tenho [...], que os anos não me trazem mais”.

A vida que tenho é repleta de partidas e despedidas, lugares onde estive e agora não estou mais, talvez eu nem me reconheceria mais em minha própria cidade, minha querida Curitiba, acredito que ficou apenas nas lembranças... Mas acreditem, tudo vale a pena, a vida aqui também é boa, só preciso sonhar mais e me ver aqui e não lá... Buscar em todos os pontos de chegada uma parada que me fixe, que eu consiga me ver neste lugar.

Durante o trajeto, fico a refletir em como seria se eu tivesse crescido por aqui? Em que cidade meus pais teriam se instalado? Em

“[...] realizo muitas idas e vindas em minha alma [...]”

qual igreja eu teria sido batizada? Qual teria sido a minha escola? Meus amigos? Enfim... Muitas perguntas me faço nesse trajeto que não dura mais do que 30 minutos, realizo muitas idas e vindas em minha alma. Há momentos em que percebo que brotam lágrimas em meus olhos... São essas lembranças nas quais mergulho. Meus pensamentos correm para chegar a algum lugar, um destino, que geralmente se perde nas chegadas das escolas, ou quando estou parada em frente ao meu portão, onde há alguns dias, como já havia dito, estou no automático, pois mergulhei tão profundamente em

minhas reflexões que sim... chego em casa e gostaria de estar andando de carro por mais alguns minutos para terminar meus pensamentos, ou voltar às minhas memórias... lembrar e fazer conexões ao hoje, às cidades em que passo diariamente e de como seria bom poder, mesmo que por alguns instantes, contemplar algo naquele dia e viver aquele momento único, tentando se reconhecer naquele rio que corre todos os dias em um único sentido, descendo para desembocar no Jacuí, Lago Guaíba, Laguna dos Patos e seu maior destino, o Oceano Atlântico.

REFERÊNCIAS:

COLOMBO, Nilza Cristina Tabor-da de Jesus. *Memória e identidade*. In: BERND, Zila; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (Org.). Dicionário de expressão da memória social, dos bens culturais e da cibercultura. 2. ed. Canoas: Unilasalle, 2017. p. 178-179.

GUTIERREZ, Ana Lérica; LEDESMA, Sandra. *Lugar, Não Lugar, Entre-lugar: novas espacialidades*. Memória e Linguagens Culturais: Mobilidade e Impactos culturais, Canoas, v. 1, n. 9, p.16-22, Não é um mês válido! 2015. Semestral. Disponível em: <https://www.unilasalle.edu.br/canoas/revista-memoria-e-linguagens-culturais/>. Acesso em: 20 set. 2018.



Autora

IZABEL CRISTINA MARTINS DA ROSA SCHNEIDER - Professora, Coordenadora Pedagógica e Orientadora Educacional. Pedagoga. Especialista em Orientação Educacional e em Gestão Escolar. Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Unilasalle/Canoas. E-mail da autora izabel.201820427@unilasalle.edu.br.



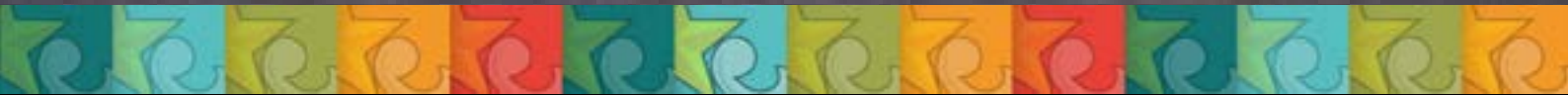


Foto: Rádio Independente

UMA VISÃO SOBRE O RIO TAQUARI

Quando falamos do Rio Taquari, nos referimos aos primórdios de nossa colonização, que se deu por intermédio do rio, que, desde então, passou a transportar mercadorias, pessoas e seus sonhos. Novas vidas, novas conquistas e desafios e novos negócios. Um mundo novo por construir. Conforme Schierholt (2002), em seu livro Estrela Ontem e Hoje, O nome do rio Taquari vem do tupi-guarani. Segundo alguns historiadores, Tibiquari significava "rio da Taquara Pequena. E o rio teve importância fundamental para desenvolver esta nossa terra, uma vez que ele era meio logístico para o escoamento da produção agrícola, mas também, para a importação de insumos, ferramental, equipamentos e produtos manufaturados trazidos da capital. Consultando a wikipedia, verificamos que

o rio Taquari tem suas nascentes nos municípios de Camborá do Sul e Bom Jesus, quando é ainda conhecido como Rio das Antas, sendo que com este nome, o rio faz um percurso de 390 km. Nas proximidades do município de São Valentim do Sul recebe as águas do rio Carreiro, onde então passa a se chamar propriamente rio Taquari. Deságua no rio Jacuí no município de Triunfo. Com o nome de Taquari, perfaz um percurso de 140 km, totalizando, portanto, uma extensão de 530 km desde seu nascedouro até a foz. O rio Taquari é importante para a economia do Estado do Rio Grande do Sul. Suas águas drenam um total de 98 municípios.

Mas a visão que quero trazer sobre o rio Taquari diz respeito à inspiração que ele nos traz, como paisagem, como mostra da grandiosa natureza e das suas belezas naturais. O rio Taquari fascina por sua exuberância e imponência. O rio ilumina e embala os sonhos de toda uma comunidade e faz desenvolver raízes profundas em todos que aqui convivem. O rio Taquari é memória, é história, é riqueza, é sonho e é alento. Porque como rio, faz a vida seguir, serpenteando as tristezas e alegrias, buscando caminhos, transpondo barreiras e dificuldades. Ele é mansidão em tempos normais, resiliência em tempos de seca e turbilhão em momentos de enchente.

O Rio Taquari em virtude de suas enchentes anuais, torna muito produtivas as terras que nele se banham, sendo considerado o se-

gundo vale mais fértil do mundo. Também aqueles que por ele são banhados se alimentam e bebem de suas águas, criam muitos vínculos e jamais esquecem de sua importância. Por vários anos, as cidades do seu entorno, e principalmente as maiores, Estrela e Lajeado, ficaram de costas para o Taquari. Mas nos últimos 20 anos, vários movimentos da sociedade civil organizada passaram a cuidar e cobrar do Poder Público local e das comunidades, ações concretas visando reconhecer a sua importância, bem como, promover ações de manutenção, limpeza e controle da qualidade de suas águas. Temos, em Estrela, a colônia de pescadores Z20, cujo papel de orientação da população que reside principalmente nas regiões ribeirinhas e vivem da pesca artesanal é muito importante. Este grupo ajuda na fiscalização e conservação das condições mínimas para poder retirar parte de seu sustento econômico, mas também ajuda nos cuidados, alertando as autoridades quando da pesca predatória fora dos períodos permitidos, bem como, do uso de equipamentos que descaracterizam a subsistência. Também nesse período, várias ações aconteceram no sentido de dar vida ao rio, utilizando suas águas para lazer e várias modalidades esportivas. Assim, com todas essas ações, e sendo mais utilizado, a comunidade local passou a exercer mais controle sobre essa grande riqueza regional.

As novas gerações já crescem com o sentimento e o conhecimento sobre a importância do nosso rio Taquari, pois além de preservar uma importante fonte de vida, seja para o abastecimento das residências através da água potável, seja para a produção agrícola e

O rio ilumina e embala os sonhos de toda uma comunidade e faz desenvolver raízes profundas em todos que aqui convivem.

industrial, serve como referência de território e de nossa história. Muitas são as memórias que constituem lembranças de tempos passados e que aos poucos estão sendo reavivadas com a devolução do rio às comunidades locais, como podemos citar o caso de Estrela, que na década de 60 doou o acesso na parte central da cidade para a ampliação da fábrica da Polar, onde várias obras do contexto histórico foram abandonadas e a população foi impedida de ter contato com o Taquari. Assim como, também, ficou impedida de desfrutar dos espaços onde estavam alguns bens culturais e de suas memórias.

Muitas são as memórias que constituem lembranças de tempos passados e que aos poucos estão sendo reavivadas com a devolução do rio às comunidades locais

O Município de Estrela possui várias memórias ligadas ao rio Taquari, sendo que podemos citar quatro das principais: a praia da Cascalheira, a Escadaria, a Barragem e o Porto. A praia da Cascalheira, Praia do Cascalho ou a "Prainha" como alguns a chamavam, era palco de diversos eventos sociais e esportivos da população de Estrela e arredores nos verões. Como naquela época ainda não existiam piscinas, o local era utilizado para a prática da natação. Também as famílias aproveitavam para passar momentos de lazer e para se refrescar na Prainha, fugindo do calor no verão, pois

o acesso às praias do litoral era extremamente caro e demorado. Mas a praia do Cascalho também sempre foi palco de eventos que divulgavam a beleza da mulher estrelense, inclusive com um evento específico, com a escolha da Miss Cascalho, como relata Schierholt (2002). Já na década de 60 foi idealizado um grande evento social regional, chamado de concurso Rainha das Praias do Taquari, que se realizou pela primeira vez em 1968 e teve seu último evento ocorrido em 1975, já fora de seu local original, devido à interdição ocorrida. Naquele ano, a Rua Arnaldo J. Diehl foi interrompida, sendo proibida a passagem de pessoas, pois a rua foi doada pela Administração Municipal da época para a ampliação da Cervejaria Polar S/A. Para termos a dimensão da importância do referido concurso regional, Ane Elizabeth Horst, que foi eleita Rainha das Praias do Taquari e Princesa das Piscinas do Rio Grande do Sul, em 1974, foi revelada para o Estado e para o Brasil em 1976 e conquistou o título de Miss Rio Grande do Sul e Miss Simpatia do Brasil, levando o nome de Estrela para todo o país. Conforme reportagem do Jornal Nova Geração, datada de 23 de junho de 2017, "A 'Praia do Cascalho' do Rio Taquari esteve exposta terça-feira, dia 20, quando a Barragem Eclusa de Bom Retiro do Sul foi aberta para a limpeza das correntes das comportas.

Com isso, o rio baixou cinco metros e mesmo que tenha sido estabilizado no mesmo dia, muitos moradores puderam voltar ao local, que antigamente era o point dos moradores no verão para banho e confraternização." Traz esta matéria, ainda, o relato de um cidadão relembando dos tempos em que frequentava o local, o sr. Dércio José Rockenbach levou o filho de 12 anos para mostrar como era: "Tinha a praia da cascalheira, uma ilha de pedras que ia até a metade do rio, mais ou menos, tinha umas pedras grandes e tartarugas em cima delas". Outros dois



Foto: arquivo Aepan

pontos históricos junto às margens do Rio Taquari em Estrela, eram a Escadaria, que tinha em anexo o Porto antigo. Conforme o site da Ong AEPAN, localizada em <http://aepan.blogspot.com/2016/09/escadaria-do-rio-taquari-patrimonio.html>, a inauguração do antigo Porto, em 1924, proporcionou uma nova dinâmica econômica e foi determinante para o desenvolvimento do município, uma vez que, por Estrela era escoada parte da produção agrícola e industrial da cidade e arredores, bem como, chegavam produtos da capital e de outras regiões do Estado para comercialização.

Estava criado ali um ambiente de negócios, uma vez que este era ponto de embarque e desembarque. O antigo Porto funcionou até 1941, que em virtude de uma grande enchente, onde houve precipitação de mais de 640 mm, elevou as águas do Taquari para além dos 29 metros,

sendo sua maior cheia. Foi um desastre para a região, o que tornou o rio praticamente sem condições para a navegação e a ligação com a parte alta do Vale. O assoreamento e o pouco calado inviabilizaram tais atividades, levando à desativação do antigo Porto. No local, onde se localizava a Escadaria, foram construídas duas estátuas do Comércio e da Indústria, as quais também eram chamadas de Adão e Eva. Assim como a Praia do Cascalho, a Escadaria ficou sitiada de 1975 até 2008, em virtude da doação de uma rua para a Polar, sendo que a população não teve acesso ao que era patrimônio público por muitos anos. As estátuas foram retiradas e recolocadas no Belvedere na Rua Chá Pereira junto ao Rio. Com o fechamento da cervejaria em 2006, o Poder Público Municipal adquiriu em conjunto com um investidor privado em 2007, todo o complexo da extinta Polar e reabriu as

A falta de investimentos de recursos para o desassoreamento, assim como as leis ambientais que não permitem a retirada de materiais do leito do rio, tornou a navegação uma atividade inviável através do Porto de Estrela.

ruas, devolvendo ao povo de Estrela o acesso ao Rio Taquari em sua área central. Conforme cita o site da AEPAN "Em 2014 o Governo de Estrela reconstruiu o espaço público procurando manter as características do antigo Porto construído em 1924. As estátuas "Adão e Eva" finalmente retornaram para casa. Estava restabelecida a relação da cidade com seu rio Taquari." Outra grande obra que a região ganhou em 1976 foi a Barragem Eclusa localizada em Bom Retiro do Sul, a qual teve um grande impacto na economia, meio ambiente e costumes da região. Com o início das suas atividades e o fechamento das comportas, o represamento das águas do Taquari inundou por completo a Praia do Cascalho em Estrela, mas trouxe facilidades para a navegação fluvial. A Câmara da Barragem Eclusa possui 120 metros de comprimento por 17 metros de largura e profundidade de 16 metros, permitindo a passagem de embarcações com até 3,20 metros de calado. Em 1977, com a inauguração do Terminal Rodo-Ferro-Hidroviário de Estrela, pelo então Exmo. Sr. Vice-presidente da República Adalberto Pereira dos Santos,

passa a funcionar o Porto de Estrela, dando sentido e uso à construção da Barragem de Bom Retiro. "Com uma área de 47.000 ha, sendo 20 ha com benfeitorias.

Com calado de 2,50m a 3,20m, o cais tem 585m, com dois berços de atracação, um silo vertical com capacidade para 40.000 toneladas; dois armazéns graneleiros, com capacidade para 50.000 toneladas; um armazém para carga geral, com área de 2.300m² e um pátio pavimentado de 3.500m², para estocagem de contêineres. Os armazéns graneleiros e o silo são equipados com moegas rodo-ferroviárias, transportadores de corrente, elevadores de caneca, correias transportadores e balanças de fluxo", conforme Schierholt (2002). Com isso, novamente o rio Taquari voltou a ter protagonismo na navegação Fluvial do RS, e Estrela em especial. Mais uma vez, o rio dava o tom do desenvolvimento, o que infelizmente durou até o final dos anos 90, aproximadamente, quando o modal fluvial passou a ser subutilizado, sendo substituído pelo modal rodoviário. A falta de investimentos de recursos para o desassoreamento, assim como as leis ambientais que não permitem a retirada de materiais do leito do rio, tornou a navegação uma atividade inviável através do Porto de Estrela.

REFERÊNCIAS:

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela ontem e hoje*. Estrela: Novak Edita Multimídia, 2002.
<http://aepan.bllogspot.com/2016/09/escadaria-do-rio-taquari-patrimonio.html>



Autor

Marco Aurélio Wermann -
Bacharel em Economia pela Univates, Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle.





Fonte: Blog do Airton
Memorial da Aepan
ONG Calçadão de Estrela, 1979

A RUA É O SEU QUINTAL

A região onde a cidade de Estrela se situa surgiu há milhares de anos, junto com o território nacional. Foi habitada por índios e animais, onde tudo para eles era quintal. Posteriormente foi habitada por imigrantes, tornando-se Fazenda Estrela, povoado e posteriormente cidade, o que ocorreu na segunda metade do século XIX. As primeiras construções realizadas estão localizadas no que é o centro da cidade. Desde sua emancipação, muitos aspectos físicos mudaram, como por exemplo: ruas, prédios e ambientes de lazer. Mesmo não nos dando conta, essas ruas preservam um pouco da história e da memória do Município, bem como dos antigos e atuais moradores ou visitantes.

As ruas desta cidade nem sempre foram largas e asfaltadas. O escritor estrelense Schierholt (2002, p. 428), afirmou no livro Estrela: Ontem e Hoje, que:

Além dos caminhos naturais pelos rios e arroios navegáveis, nos dois séculos de história de Estrela, os primeiros povoadores abriam trilhos e picadas pelas florestas, ligando as sedes das fazendas entre si e estas com o Rio Taquari. Alguns desses primitivos caminhos já existiam, abertos pelos índios, origem das primeiras estradas. As mais antigas veredas eram as que margeavam rios e arroios, percorridos pelos aborígenes que caçavam e pescavam, depois usadas pelos povoadores que acompanhavam embarcações por terra ou se comunicavam entre os primeiros portos e ancoradouros.

No parágrafo seguinte, o autor fala sobre a mudança dessas trilhas em ruas:

Tais sendas e trilhas serviram de leitos para estradas, alargadas pelo uso mais intenso de escravos, arrastando toras com juntas de bois, tropeiros carregando fardos de erva, e, no período da colonização, por carroças e carretas para o transporte de produtos coloniais (SCHIE-RHOLT, 2002, p. 428).

Quanto às ruas da cidade de Estrela, Hessel, outro escritor estrelense, relata no livro O Município de Estrela; História e Crônica

que a Fazenda Estrela passou a ser cidade no final do século XIX e início do século XX. O pequeno povoado possuía poucas casas e as ruas já eram nominadas:

As ruas preservam um pouco da história e memória do Município, bem como dos antigos e atuais moradores ou visitantes.

Se as ruas não tinham iluminação noturna, em 1890 já possuíam nomes; mas nove anos mais tarde o Intendente Périco Oliveira Freitas, pelo Ato nº 20, de 18 de abril de 1899, alteraria tudo, dando uma nomenclatura fortemente vinculada pela marca do Partido Republicano Rio-Grandense, nomenclatura que em grande parte subsiste até hoje (HESSEL, 1983, p. 46).

Este autor descreve como ocorreram as pavimentação destas ruas:

A pavimentação das ruas da cidade com paralelepípedos teve início na Rua Júlio de Castilhos, na quadra entre a Praça e o prédio da Prefeitura e a Igreja Matriz, em 1941, na gestão do bacharel Cláudio de Toledo Mércio (HESSEL, 1983, p. 47).

Conforme informado por Hessel, as ruas tinham nomes distintos dos atuais, a Rua Fernando Abbott era chamada de Rua da União, por exemplo.

Mas, afinal, você se lembra da rua Fernando Abbott? Não? Duvido que se és estrelense, nunca tenha passado por ela sequer uma vez. Vou lhe auxiliar: é localizada no centro da cidade, próxima à rua Tiradentes e à rua Júlio de Castilhos, teve alterações importantes na dé-



Fonte: Jornal Nova Geração - Estrela
Rua Fernando Abott - Dezembro de 1996

cada de 70 e posteriormente em 90, é rodeada por comércios e durante o Natal virou ponto turístico da cidade, nos últimos anos, tendo em vista que fica decorada e iluminada. Agora sabes qual é? Sim, é o Calçadão de Estrela!

Desde sua abertura, ali era permitido o trânsito de veículos, sejam eles de tração animal ou motor, bem como, de pedestres. Até que, em dezembro de 1977, os moradores e empresários das ruas Fernando Abott, Júlio de Castilhos e Tiradentes se mobilizaram, solicitando aos órgãos competentes da Prefeitura Municipal de Estrela o fechamento da rua após às 20h. Essa medida foi atendida e os moradores utilizavam o espaço como lazer, sendo um

ponto de encontro para a comunidade local. Isso se manteve até fevereiro do ano seguinte.

Tendo em vista a experiência ocorrida no ano anterior, a Rua Fernando Abott foi reelaborada em 1978. Foram 15 dias de obras até ser inaugurada em dezembro de 1978, desta vez, ela estava totalmente fechada, impossibilitando a passagem de veículos pela rua. A iniciativa era para que servisse aos moradores, visitantes e empresários a utilizarem como espaço de lazer conforme ocorreu no verão de 77.

Ao longo dos anos, algumas melhorias foram sendo realizadas na iluminação pública e jardinagem no período em que a rua estava disponível apenas para pedestres. Outra



Fonte: Jornal Nova Geração - Estrela
Arte gráfica: Débora Griebeler (@d.grblr.collage)
Rua Fernando Abott sem calçadão, 1977

alteração que mudou o Calçadão foram as fachadas dos prédios e casas, alguns foram sendo reformados e aderindo à arquitetura mais moderna, outros foram demolidos e deram lugar a construções com outros designs. Para alegria de pessoas como eu, que adoram prédios antigos, ainda há alguns preservados nesta rua.

Posteriormente, nos anos de 1995/1996, tendo em vista a demanda de trânsito no centro da cidade foram realizadas transformações. Entre elas, a reabertura do Calçadão para trânsito de veículos: via única em sentido sul, contrário ao encontro do Rio Taquari, sem espaço para estacionamento ou carga e descarga de produtos. Este permanece sendo o modelo atual da rua. A rua que já foi de chão batido, foi pavimentada primeiramente com para-

lelepípedos, hoje é asfaltada.

Este espaço atualmente é frequentado como ponto de encontro para amigos, famílias e casais (tradicional ou não) principalmente aos finais de tarde e de semana para confraternizar com um chimarrão ou tomar um sorvete, das sorveterias que estão localizadas no entorno. No Calçadão há construções destinadas principalmente ao comércio de roupas e alimentação.

Ainda há divergências entre moradores e comerciantes sobre qual seria o melhor modelo para esse espaço na cidade: aberto para circulação de veículos ou fechado. Já houve inclusive quem sugerisse que fosse coberto para ser utilizado em eventos locais.

Acredita-se que a música Rua da Passagem do compositor e can-

Há o aspecto emocional destes espaços, que passam a ser espaços de memória.

tor Lenine descreva o interesse dos estrelenses por esse assunto: "Todo mundo tem direito à vida/todo mundo tem direito igual/sem ter medo de andar na rua/porque a rua é o seu quintal". Afinal, mesmo sendo um espaço público, nós o frequentamos e, para isso, devemos nos sentir confortáveis neste ambiente. Talvez esse carinho tenha sido herdado lá de trás, "porque a rua é o seu quintal".

Apesar das mudanças nessa rua, ela permanece com o charme dos canteiros de flores e antigos postes de iluminação, os complementos são os prédios e fachadas que datam da primeira metade do século XX.

Além do aspecto físico que nos liga aos ambientes, sejam eles casas ou ruas, neste artigo descrita a Rua Fernando Abott, o Calçadão, há o aspecto emocional destes espaços, que passam a ser espaços de memória. O sociólogo Maurice Halbwachs (2003, p. 170) descreve a vinculação de grupos a espaços de memórias como:

Assim, não há memória coletiva que não aconteça em um contexto espacial. Ora, o espaço é uma realidade que dura: nossas impressões se sucedem umas às outras, nada permanece em nosso espírito e não compreenderíamos que seja possível re-

tomar o passado se ele não estivesse conservado no ambiente material que nos circunda. É ao espaço, ao nosso espaço - o espaço que ocupamos, por onde passamos muitas vezes, a que sempre temos acesso e que, de qualquer maneira, nossa imaginação ou nosso pensamento a cada instante é capaz de reconstruir - que devemos voltar nossa atenção, é nele que nosso pensamento tem de se fixar para que essa ou aquela categoria de lembranças reapareça.

Nós, estrelenses, correspondemos a um grupo. Sendo assim, nos lembramos uns aos outros e aos espaços de memórias coletivas. Isso é aplicado ainda em grupos menores e distintos, como por exemplo: família e colegas de trabalho.

REFERÊNCIAS:

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.

HESSEL, Lothar Francisco. *O município de Estrela; história e crônica*. Porto Alegre, Ed. da Universidade, UFRGS, 1983.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: Ontem e Hoje*. Lajeado: O Autor, 2002.



Autora:

ALEXSANDRA PETRY - Formada em Gestão de Recursos Humanos, acadêmica da Especialização em Pedagogia Empresarial e Educação Corporativa e Mestranda em Memórias Sociais e Bens Culturais. E-mail para contato: alexsandra.petry@gmail.com





Fonte: Imagem extraída da internet, no endereço eletrônico <http://imigracaoitalianobrasil.blogspot.com/2011/09/vapor-roma-18-de-fevereiro-de-1886.html>

SIAMO TUTTI FELICCI QUE VINHESTA QUA!

(Somos
todos
felizes porque
vieste
aqui!)

Os primeiros descendentes italianos chegaram ao Brasil em 1875 provenientes de uma Itália que vivia a pior crise de sua história, a qual já não absorvia mais a mão-de-obra no setor industrial, em face do grande êxodo rural que ocorria em toda a Europa por causa do Industrialismo.

A revolução industrial, movimento que iniciou em 1760 e transformou o sistema de trabalho da época, incluiu a transição de métodos de produção artesanais para a produção por máquinas. A revolta fez eclodir a industrialização no Velho Mundo, porém não foi suficiente para absorver a grande disponibilidade de mão-de-obra oferecida pelas rurícolas, agora residentes nas cidades.

Para De Boni e Costa (1991), a entrada em massa de italianos no estado do Rio Grande do Sul aconteceu dentro das grandes transformações econômicas e sociais que o capitalismo de produção provocou na Europa durante o século XIX.

A grande maioria dos imigrantes italianos viu o Brasil pela primeira vez no oceano. Foi pelo meio marítimo, viajando mais de 30 dias da Itália até o Brasil.

Com efeito, em meados do Século XIX a Europa vivia um momento de

grande êxodo rural, posto que os moradores abandonaram crescentemente o meio rural para morar nas cidades e labutar nas indústrias que surgiam no meio urbano. Porém, a migração do campo para as áreas urbanas foi tamanha que as cidades europeias ficaram abarrotadas de migrantes que, por não encontrarem mais vagas de trabalho, começaram a viver em condições subumanas.

Neste contexto, compreende-se que todas essas transformações foram os motivos para a eclosão da imigração italiana. No Brasil, entretanto, na mesma época faltava mão-de-obra para trabalhar nas lavouras de café da região Sudeste e nas propriedades agropecuárias do Sul, haja vista os movimentos e as leis relativas à abolição da escravatura.

De acordo com Giron e Herédia (2007), a abolição da escravatura passou a exigir mão-de-obra livre, conforme trecho extraído da obra História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul, in verbis:

“As leis que extinguem de forma gradativa a escravidão exigem a substituição da mão-de-obra escrava pela livre. A vinda de colonos estrangeiros é indispensável para garantir a produção agrícola nacional”. (GIRON e HERÉDIA, 2007, p. 24)

Neste contexto, o governo brasileiro e o italiano firmaram um acordo de cooperação, o qual previa a imigração de italianos para a terra do Pau-Brasil. Na Itália divulgava-se e incentivava-se a ida de italianos desempregados e pobres para o Brasil.

Foi assim que aconteceu o início do processo de imigração dos nossos antepassados para o Brasil. Este é um breve intróito para mostrar em quais contextos ocorreu a vinda do imigrante italiano para o Brasil. Alguns de seus descendentes, muitos anos depois, uniram-se na cidade de Estrela, com a intenção de fundar uma associação que pudesse resgatar as tradições e



A imagem foi extraída da publicação de Angelina Wittmann em sua obra Nacionalismo no Vale do Itajaí - a partir do Governo de Getúlio Vargas de 15/7/2016, disponível em <https://angelinawittmann.blogspot.com/2016/07/nacionalismo-no-vale-do-itajai-partir.html>.

cultura italiana. Assim, fundaram em 1993 a Società Italiana Fiori dei Piani, que conta hoje com mais de 600 sócios.

Essa associação, cuja sede localiza-se no interior de Estrela-RS, uma pequena cidade tipicamente habitada por descendentes alemães no interior do Estado gaúcho, conta hoje com muitos associados de diversas etnias, como a portuguesa, alemã e italiana. É uma “socieda-

**Os
ítalos-brasileiros
têm orgulho de
serem descendentes
desta etnia,
reconhecida por
seus valores
como o trabalho, o
empreendedorismo,
a perseverança
e a fé.**



Fonte: DARLÃ BELLINI - Imagem da sede da Società Italiana Fiori dei Piani, localizada na Estrada Municipal Leopoldo Armindo Horn, s/n, Linha Santa Rita, Estrela-RS.

de”, como muitos popularmente chamam-na, aberta a todas as pessoas que quiserem cultivar tradições e culturas italianas.

A Ata de criação da Società foi lavrada em 1993 e assinada por várias pessoas, entre elas Hermogêneo Lizot, Lucio Tales Bellini, Irno Delai, Gilmar Longhi, entre outros.

Após sua criação, seu espaço físico, primeiramente, foi instalado junto ao Terminal Rodoviário, no Centro de Estrela. Entretanto, em 1999 foi adquirida uma área de terras junto à Linha Santa Rita, interior do município e erigida sua sede atual.

A sociedade tem logotipo que a identifica perante a sociedade, em que destaca as cores da bandeira da Itália, que são o branco, o verde e o vermelho .

Desde sua fundação até os dias atuais, a associação vem realizando diversas atividades relativas à tradição e cultura italiana, como por exemplo, a dança, a música e o tiro esportivo.

Na dança, possuiu um grupo de dançarinos que, vestidos tipicamente, apresentam-se frequentemente em eventos realizados na própria sede. Por seu turno, os apreciadores de boa música coralista estão bem servidos com as vozes do grupo de cantores. A associação possui um coral formado por mais de 20 membros que entoam magníficas músicas italianas. Os membros do coral também se vestem de forma típica para suas apresentações ao público.

Na parte superior da área física onde fica situada a Società, existe um quiosque, construído de forma rústica, que serve para a realização de eventos menores. Adjacente a ele está a estande de tiro ao alvo (pedana). O esporte é administrado pelo Departamento de Tiro que reúne a maior parte de todos os associados do clube. É o maior departamento, pois, dentro da sociedade que ainda conta com o Departamento de Cultura e Departamento de Marketing.

Os praticantes dispõem de um estande de tiro ao alvo, usualmente chamado por eles de tiro ao prato, utilizam armas do tipo espingarda. Uma máquina oculta na casamata de cor 'verde' (imagem) ejeta pratos em quatro direções distintas aleatoriamente e os atiradores, postados na pedana, disparam suas armas com o objetivo de acertá-los a aproximadamente 40 metros de distância. A associação ainda dispõe de outro estande de tiro, que é utilizado por praticantes de tiro em outra modalidade, com revólver e pistola.

A oferta gastronômica é outro ponto forte da sociedade. Ela realiza alguns eventos anuais em

Fonte: DARLÃ BELLINI
- Imagem da placa afixada na entrada da associação.





Fonte: DARLÃ BELLINI – Imagem do Estande de Tiro ao Alvo, junto ao quiosque da Società.

sua sede, nos quais são servidos os mais variados pratos da culinária italiana. A cozinha italiana é reconhecida mundialmente por oferecer os mais saborosos pratos, cultivados por gerações durante o passar dos tempos.

A cada ano, a sociedade realiza o jantar da caça, promovido pelo Departamento de Tiro, no qual são servidos pratos típicos capitaneados pela codorna recheada.

No Filó tem sopa de capeletti e queijo ralado da entrada. Depois é servido um delicioso buffet de picadinhos, como salami, copa, linguiça, queijo, grostoli, torresmo, polenta com queijo e pinhão a noite inteira, além de muita cantoria patrocinada por pequenos grupos de cantores italianos de várias cidades da região.

A Associação organiza também um jantar-baile, no qual serve delícias gastronômicas como massa ao molho sugo e ao molho de galinha caipira, polenta mole e frita, tortéi, tortellini, pien e grande variedade de saladas.

Este cardápio praticamente prevalece também no Almoço do Associado, que é o último evento do ano

promovido pela sociedade, no qual a associação concede gratuitamente o almoço ao sócio que está em dia com a Tesouraria, como forma de celebrar o ano que vai terminando.

Antes de começar a servir o almoço, tem missa! Ela é celebrada dentro do salão principal, mas já foi realizada em outras épocas no lado externo da sociedade, onde se localiza uma pequena capela de alvenaria, chamada de capitel.

Em quase todos os eventos gastronômicos, o associado Basílio Mezacasa patrocina um aperitivo à base de cachaça que mais parece um fino licor. Geralmente o creme e o sagu são servidos na sobremesa.

Durante os eventos gastronômicos, é solicitada uma salva de palmas aos organizadores e ao pessoal da copa e cozinha que, de forma voluntária, não medem esforços para bem atender as pessoas que participam dos eventos.

"Siamo tutti fellicce que vinnesta qua" é o jargão que define a característica da Società, que em português significa dizer **"somos todos felizes porque vieste aqui"**. As pessoas que organizam e trabalham nos eventos, assim como a sociedade em si, sentem-se felizes pelo fato das pessoas irem até a sede participar das atividades.

Esse tipo de envolvimento solidário e afetivo é fruto de memórias, tradições, hábitos, tipo de criação e educação recebidas de seus genitores, espírito voluntário e o compromisso de manter viva





Fonte: fotografia acervo da Società - Imagem de alguns voluntários que trabalham na cozinha da sede quando tem evento. Estão exibindo as polentas assadas/brustoladas com queijo, servidas no Filó.

a cultura italiana.

O interior do salão principal é dividido em salão propriamente dito, copa e cozinha, setor dos fornos, área do buffet, área do palco e a Biblioteca Mário Basségio.

Mário Basségio (in memoriam) foi um dos fundadores da sociedade. A biblioteca recebeu seu nome em reconhecimento aos bons serviços prestados por ela a toda comunidade. Mário é pai de Ênio Basségio, advogado na cidade de Estrela, que é associado e já foi membro de diretorias anteriores.

A biblioteca é bastante modesta. Conta com alguns livros e documentos, públicos e privados. Há também algumas fotos, imagens, troféus e lembranças de algumas fases da vida da sociedade.

Fonte: fotografia acervo da Società

- Imagem da equipe da cozinha em dia de evento gastronômico.



Passar algum tempo dentro da biblioteca analisando estes materiais faz com que as pessoas retornem no tempo, imaginando quadros e contextos de como e quando aconteceram os fatos dispostos em escrituras, imagens e fotografias, em muitas vezes reconstruindo mentalmente os possíveis quadros do passado.

REFERÊNCIAS:

DE BONI, Luis Alberto. e COSTA, Rovílio. *Far La Mérica, A Presença Italiana no Rio Grande do Sul*. 1991. Ed. Riocell, São Paulo.

GIRON, Loraine Slomp e HERÉDIA, Vania Beatriz Merlotti. *História da Imigração Italiana no Rio Grande do Sul*. 2007, Edições EST. Porto Alegre.



Autor:

DARLÃ BELLINI - é formado em Direito pela UNISC (Santa Cruz do Sul-2003/2) e tem por profissão a Advocacia. Nasceu em Muçum-RS em 1970 e reside em Estrela desde 1982. Desde 2017 está exercendo também a vereança no município. Mestre em Memória Social e Bens Culturais na Universidade La Salle/Estrela-RS.





Foto: Josemir José Gregory
Imagem da construção

IGREJA SANTO ANTÔNIO/ESTRELA: RELIGIÃO, IDENTIDADE E MEMÓRIA

Este texto pretende contextualizar as memórias da igreja Matriz Santo Antônio, localizada no município de Estrela, apresentando em ordem cronológica o seu histórico. Como fonte principal foi utilizado o livro intitulado **A História das casas: um resgate histórico dos jesuítas no sul do Brasil**, escrito por Padre Inácio Spohr, publicado no ano de 2018, sendo que ele utilizou como fonte de pesquisa documentos relacionados ao histórico da igreja, assim como demais importantes fontes bibliográficas.

A igreja matriz Santo Antônio,

localiza-se no município de Estrela/RS, situada no centro do município e está associada ao histórico de sua colonização. Estrela foi uma Colônia criada no ano de 1856 pelo coronel reformado da Guarda nacional, Victorino José Ribeiro, que devido ao alto valor imobiliário das terras por motivo de incentivo do governo brasileiro ao fluxo migratório ao Rio Grande do Sul, optou por dividir a sua propriedade denominada Fazenda da Estrela em 45 lotes para os imigrantes europeus. A propriedade recebeu imigrantes a partir de 1856 provenientes de di-

ferentes regiões da Europa, como Baviera, Dinamarca, França, Prússia e alguns de São Leopoldo, primeira colônia alemã no Rio Grande do Sul que fora ocupada desde 1824.

Salamoni (2001, p.8) afirma que, a partir de colônias autossuficientes, originaram-se novas formas de convivência entre os colonos. Em grande parte desses núcleos, os imigrantes buscaram “recriar” e “(re)construir” suas relações de parentesco ou amizade que remetiam ao mesmo passado. A noção de que pertenciam a uma mesma comunidade levou os colonos alemães a promoverem o surgimento de várias associações, cujo objetivo, em princípio, foi a manutenção de uma herança cultural,

...os imigrantes buscaram “recriar” e “(re)construir” suas relações de parentesco ou amizade que remetiam ao mesmo passado.

o que se deu a partir das construções das igrejas e escolas, e em seguida, de instituições vinculadas à cultura, como clubes de tiro, corais, grupos de danças folclóricas, entre outros aspectos perceptíveis até os dias atuais.

Dessa forma, conforme a colônia foi se desenvolvendo, os templos religiosos foram surgindo. São católicos e luteranos ocupando diferentes “picadas” dentro da colônia Estrela, sendo a primeira colônia ocupada Novo Paraíso; em seguida, Arroio do Ouro; e no ano de 1873, a autorização para construção da igreja matriz Santo Antônio, no centro do município. As igrejas eram importantes espaços para man-

ter os laços entre os imigrantes no denominado Novo mundo e as celebrações eram realizadas no idioma dos imigrantes, ou seja, o alemão.

Assim, as igrejas serviram como semente de (re)memoração para os imigrantes e conforme cita Spohr (2018, p. 18), foi lida e publicada na data de 24.08.1973 em missa conventual as seguintes informações relacionadas ao início da construção da igreja Santo Antônio devido à necessidade deste espaço:

a provisão pela qual é nomeado o P. Francisco Schleipen, SJ, vigário encomendado da Freguesia de Santo Antônio da Estrela. Criada esta paróquia de Santo Antônio de Estrela, o P. Francisco Schleipen foi mandado como primeiro pároco, chegando em fins de agosto. A missão foi difícil: não havia igreja nem casa paroquial. O padre morou primeiro na casa de Antônio Victor de Sampaio Menna Barreto. Depois residiu por mais de um ano num quarto de Miguel Ruschel. Os costumes dos homens não eram depravados, mas alheios à autoridade espiritual. Havia frequentes brigas, pobreza própria de colônia nova. Por isso foi preciso proceder com toda a prudência e fortaleza.

Conforme a igreja fora sendo construída, doações eram realizadas por parte dos membros da comunidade, Spohr (2018) menciona que em 31.12.1875 mandaram fazer bancos de igreja, para os quais João E. Mallmann contribuiu com a quantia de 100 mil réis. Também foi doada à igreja matriz uma estátua de Santo Antônio de Lisboa pelo Sr. Vitor de Sampaio Mena Barreto. Esta obra é da fábrica artística de Mayr e Cia., de Munique, Bavária. É importante ressaltar que João E. Mallmann consta como patriarca na lista dos primeiros imigrantes de Estrela, conforme documentos do Arquivo Histórico do

Estado do Rio Grande do Sul, natural da Prússia, que chegou ao município com sua família formada por 12 pessoas, sendo 6 do sexo masculino e 6 do feminino no ano de 1856.

Em 31.07.1879, Spohr (2018, p.24) registra em seu livro que "Aumentando-se cada vez mais a população desta freguesia, se resolveu, em julho deste ano, aumentar a igreja matriz de uma nave em forma de cruz, para caber nela o povo."

É importante ressaltar que, no ano em que foi decidida a ampliação da igreja, Spohr (2018) relata que grande parte da população do lado esquerdo do rio Taquari contribuiu para que este aumento fosse possível. Isto porque os habitantes ocupavam a mesma igreja, onde atualmente é o município de Lajeado, na qual atravessavam de canoa o rio Taquari

...as igrejas serviram como semente de (re)memoração para os imigrantes...

para participar das missas. Isso aconteceu até 1880, quando uma igreja então foi construída, cita que quase tão ampla como a daqui, em honra de Santo Inácio.

Passados alguns anos, Spohr (2018) menciona que no ano de 1889, fez-se uma consulta com a diretoria da igreja para deliberar sobre as obras na igreja matriz. Sendo cada vez mais necessária a construção de uma torre onde possam ser suspensos os sinos, como também um aumento da igreja em vista do aumento da população. No dia 01.01.1890 o P. vigário pôs a pedra fundamental da torre direita da igreja, vizinho ao paço municipal. No dia 13.07.1890 realizou-se a colocação das santas cruzes nas nossas duas torres. Pela primeira vez, em 30.07.1890, tocaram os sinos nas torres da igreja muito mais claro e bonito. Em

Foto: Josemir José Gregory - Detalhe do interior da igreja.



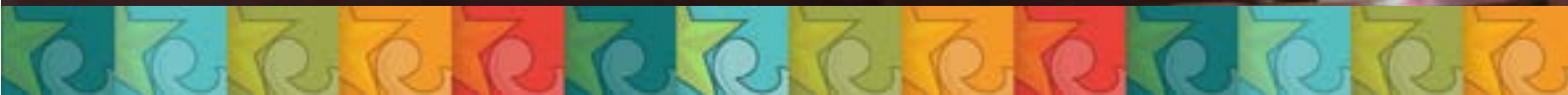


Foto: Josemir José Gregory – Imagem do interior da igreja.

01.09.1892 chegando a Estrela, de longe se avistam as duas torres da matriz, como duas estrelas. Fez-se lá uma grande construção da igreja, elegante e firme, a qual na região chamam de catedral.

A igreja passou por várias transformações no decorrer do tempo até chegar à forma atual devido ao aumento da população e no seu interior é possível visualizar em um painel criado qual fora a estrutura inicial na sua construção.

A igreja matriz Santo Antônio tinha várias funções, não somente aquelas com vínculos religiosos, mas também era ocupada em determinados momentos para eleições políticas e em outros, para reafirmar a identidade dos imigrantes. Spohr (2018) cita que em março de 1888, se

realizou uma celebração com cantos, música, sermão fúnebre, como se costuma fazer nas igrejas católicas da Alemanha. Isso por ocasião da morte do imperador Guilherme I, a pedido de muitos alemães natos. A igreja estava ornada para isso com coroas e ramos de palmeiras e estandartes. Houve sermão para lembrar que devemos respeito à pátria e aos príncipes e esquecer as injúrias feitas à Companhia de Jesus na Alemanha.

Spohr (2018) menciona que no dia 06.06.1901 fez-se a bênção solene do altar-mor da matriz. O altar é de cedro, ornado de esculturas douradas. A mesa do altar e as quatro colunas que o apoiam são de mármore. As esmolas dadas, segundo as possibilidades, provam que o povo ama o decoro da casa do Senhor.

A igreja matriz Santo Antônio tinha várias funções, não somente aquelas com vínculos religiosos, mas também era ocupada em determinados momentos para eleições políticas e em outros, para reafirmar a identidade dos imigrantes.

Depois, foi realizada uma procissão com o Santíssimo, da qual participaram cerca de 1.800 pessoas.

O autor menciona ainda que, na data de 05.12.1903 fez-se um inventário, ou seja, uma relação dos bens que haviam na igreja matriz nesta data e nele constam muitos equipamentos como lanternas, candelabros, pois a iluminação ainda era a combustão. Somente em 30.06.1918, foi, conforme autorização obtida em maio do mesmo ano, que se instalou energia elétrica na igreja. A instalação ficou sob a responsabilidade do técnico Bruno Schwertner. Custou dois mil contos de réis. Relata que a luz elétrica é mais econômica e mais prática do que a luz acetilene.

No mesmo ano em que se instalou energia elétrica, uma surpresa à grande parte da população. Desde que o Brasil declarou guerra contra o Império alemão, as coisas se tornaram difíceis, pois foi proibido o uso da língua alemã, de modo que grande parte da população que fre-

quentava a igreja era imigrante ou descendente e não compreendia outro idioma. Os padres alemães deveriam ser substituídos por suíços ou alemães naturalizados. Foram tempos difíceis, a língua alemã não foi proibida somente durante a Primeira Guerra Mundial (1914-1918) no Brasil, como também durante o governo de Getúlio Vargas, com a campanha de Nacionalização (1937-1945) quando se perderam várias características do imigrante alemão, não somente nas igrejas, mas em todos os espaços.

Pode-se concluir que os imigrantes contribuíram para que os templos religiosos fossem construídos. Foram várias dificuldades enfrentadas, porém, o trabalho coletivo da população fez com que se concretizasse a construção da Igreja matriz Santo Antônio.

REFERÊNCIAS:

SALAMONI, Giancarla. *A imigração alemã no Rio Grande do Sul: o caso da comunidade pomerana de Pelotas*. História em Revista. Pelotas, V. 7, 25-42, dezembro/2001.

SPOHR, Inácio. *História das casas: um resgate histórico dos jesuítas no sul do Brasil- Paróquia Santo Antônio- Estrela/RS*. Porto Alegre: Padre Réus, 2018.



Autor:

JOSEMIR JOSÉ GREGORY - Graduado em História/Licenciatura pela Universidade do Vale do Taquari, Univates. Professor de História no Colégio Santo Antônio/ Estrela e Escola Estadual de Ensino Médio Santa Clara/ Santa Clara do Sul. Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle, Canoas.



Núcleo Cultural de Estrela

O NÚCLEO CULTURAL DE ESTRELA, fundado em 13 de julho de 1989, é uma Associação Civil sem fins lucrativos, sem conotação político-partidária e religiosa, nem discriminação de qualquer natureza, com sede na cidade de Estrela. Tem por finalidade promover atividades de relevância pública e social, resgatando a pluralidade étnico-cultural, procurando abrir novos espaços para outras expressões da cultura popular. A realização das atividades culturais ocorre junto ao Centro de Cultura e Turismo Bertholdo Gausmann - Casa de Cultura.

Presidências do Núcleo Cultural:

1989/1991: Berenice Anschau
1991/1993: Marion Becker Rodrigues
1993/1994: Izolete Uhlmann
1995/1997: Ana Rita Berté Bagestan
1999/1999A Andréas Ulrich Hamester
2005/2006: Leonidas Ertel
2006/2008: Edson Wiethölder
2009/2010: Edelson Ivan Fortes
2011/2012: Marcelo Fortes
2013/2014: Zuleica Regina Rambo
2015/2016: Edelson Ivan Fortes
2017/2018: Luis Carlos Pereira Bastos

Para realizar seus objetivos, o **Núcleo Cultural de Estrela** se vale de recursos financeiros oriundos de repasses do poder público de todas as esferas, iniciativas culturais próprias, bem como de doações e contribuições espontâneas da comunidade.

O Núcleo Cultural de Estrela

compõe-se de duas categorias de associados:

A) Associados Fundadores: São todos aqueles que assinaram a Ata de Fundação da Associação, bem como os que foram admitidos nos trinta dias após a sua fundação;

B) Associados Colaboradores: São todas as pessoas físicas ou jurídicas, simpatizantes e apoiadores das atividades culturais desenvolvidas pela Associação e que desejem participar de suas finalidades, sendo admitidos em número ilimitado, mediante proposta de admissão aprovada pela Diretoria.

O NÚCLEO CULTURAL DE ESTRELA exerce as suas ações por intermédio dos seguintes Órgãos Deliberativos:

- 1º - Assembléia Geral
- 2º - Diretoria
- 3º - Conselho Fiscal

O Núcleo Cultural de Estrela é um importante divulgador do conhecimento artístico e um facilitador da inclusão social. Por meio de vivências e experiências compartilhadas, promove a prática artística e as relações coletivas, desenvolvendo a sensibilidade, a musicalidade, o autocontrole, a

O Núcleo Cultural de Estrela é um importante divulgador do conhecimento artístico e um facilitador da inclusão social.



NÚCLEO CULTURAL DE ESTRELA

Fonte: <https://www.facebook.com/N%C3%ACleo-Cultural-de-Estrela-502409346610680/>

autoestima e tantas outras potencialidades.

O projeto do Núcleo Cultural promove oficinas semanais de artes cênicas, artes plásticas e música com o intuito de desenvolver o indivíduo em suas habilidades artísticas. Durante o ano as inscrições são feitas junto à secretaria da SECULTUR onde o candidato é inscrito em uma lista de espera que é enviada ao professor. A exceção ocorre aos alunos que são atendidos por projetos desenvolvidos em escolas e/ou espaços fora da sede.

Durante o ano ocorrem diversas apresentações dos grupos formados nas oficinas em festividades, momentos cívicos e apresentações para comunidade em geral. O momento de apresentar o trabalho realizado durante o ano é de grande importância para a entidade, pois apresenta o trabalho desenvolvido com os

diferentes grupos. Ao final do ano é realizado um grande espetáculo onde todos os alunos são convidados a fazer parte do Recital aberto à comunidade. Isso traz a valorização dos participantes das oficinas assim como dos professores e propicia momentos de vivências culturais para as comunidades que o recebem.

Nas aulas de artes plásticas o aluno utiliza diferentes linguagens artísticas visuais, como desenho, pintura e gravura, para criar suas obras e expressar suas ideias e sentimentos. Na oficina de artes cênicas é pesquisada e estudada a prática teatral em grupo, com realização de montagem e circulação de espetáculos. Explora a criatividade, expressão corporal, ampliando a capacidade expressiva dos alunos. No coral, trabalha-se com peças musicais desenvolvendo o canto individualmente e coletivamente com

objetivo de conhecer e produzir material para apresentações.

Nas aulas de prática instrumental são desenvolvidas técnicas específicas de cada instrumento. Hoje a comunidade é atendida com aulas de bateria, contrabaixo, escaletas (melódica-aerofone de palheta livre semelhante ao acordeom), acordeom, guitarra, instrumentos de sopro (palheta/bocal/emboadura

...o Núcleo Cultural de Estrela é uma importante fonte de conhecimento e elemento de formação de identidade cultural e a construção da cidadania onde agentes multiplicadores de cultura assumem o papel de transformadores da realidade social.

livre), piano, teclado, violino, violão e técnica vocal.

Dentro do amplo universo do ensino da música, destacam-se os projetos sociais em educação musical, causando impacto e interagindo diretamente com a sociedade, contribuindo para a recuperação e afastamento de crianças e jovens de baixa renda que se encontram em risco social. Esses projetos voltados ao âmbito social são realizados em instituições de ensino da rede municipal. O professor vai a escolas para oferecer gratuitamente oficinas como escaletas, flauta

doce e canto coral.

Há coral do CAPS com fins terapêuticos e inserção social. Utilizando o canto como musicoterapia, atendendo às necessidades físicas, emocionais, cognitivas, sociais dos pacientes.

A Banda de Estrela é um grupo profissional que tem a proposta de levar a música típica alemã para as festividades do município. O grupo ensaia semanalmente e está disponível para apresentações em momentos cívicos e festividades. Há o Quarteto Fascínio, grupo formado por profissionais que representam o município em festivais e eventos.

Através das oficinas ministradas por professores qualificados, busca desenvolver habilidades técnicas de instrumentos musicais, canto, artes cênicas e plásticas para aprimoramento dos indivíduos. Enfim, o Núcleo Cultural de Estrela é uma importante fonte de conhecimento e elemento de formação de identidade cultural e a construção da cidadania onde agentes multiplicadores de cultura assumem o papel de transformadores da realidade social. Mais do que isso, a formação artística tem proporcionado desenvolvimento pessoal e estimula a formação de novos profissionais na área da cultura.

REFERÊNCIAS:

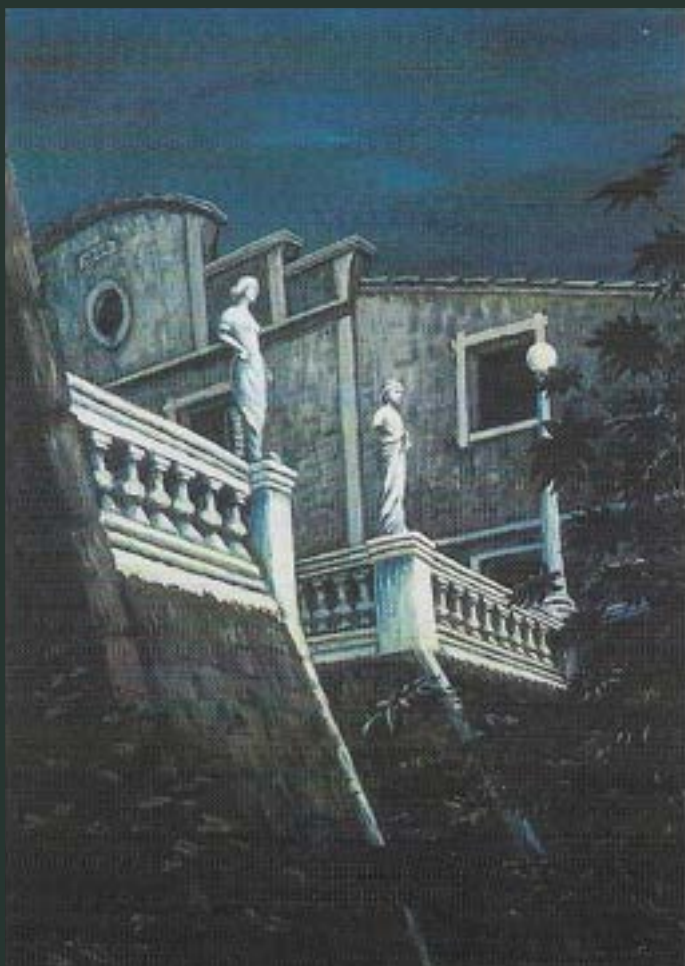
<https://www.facebook.com/N%C3%BAcleo-Cultural-de-Estrela-502409346610680/>



Autora:

ZULEICA REGINA RAMBO - Mestre em Memória Social e Bens Culturais Unilasalle; especialista em Gestão Escolar (UCB Castelo Branco); graduada em Ciências Biológicas (UNIVATES); licenciada em Música (UERGS). Coordena projetos de musicalização em escolas e atua no Núcleo Cultural de Estrela-RS.





A ESCADARIA: MEMÓRIAS DE UM CAIS DO PORTO

SAUDOSO RECANTO

Escadarias e estátuas do antigo porto de Estrela.

Óleo sobre tela de Gisela Schulz Schinke - 1978 - 40x60cm

Em 15 de outubro de 1924, na cidade de Estrela, no Rio Grande do Sul, no final do mandato do intendente Manuel Ribeiro Pontes Filho, que durou 15 anos e 15 dias, foi inaugurado o mais belo Cais de Porto à margem esquerda do Rio Taquari. O jornal vigente da época, O Paladino, noticiava o fato falando "de um melhoramento tão relevante e com o qual pode a nossa urbs gabar-se de ser possuidora do melhor e mais belo cais do Rio Taquari."

A cidade que tão pouco se estendia além da colina, tinha o rosto voltado para o poente, para as margens do frondoso rio, pois era por ele que Estrela mantinha contato com o mundo exterior, através do pequeno cais. Assim perdurou até surgir as modernas rodovias, principalmente a Estrada da Produção concebida e inaugurada pela administração estadual de Leonel Brizola em 1960.

O cais estrelense tinha um trapiche e uma escadaria que dava

acesso ao povoado. Por muito tempo foi a principal entrada à cidade, pois possibilita linhas de navegação no principal rio do vale e o escoamento de produtos agrícolas e industriais para a região, além de proporcionar um local de encontro e de lazer aos munícipes. A poucos metros da escadaria, ficava o Passo de Estrela, local onde atracava a barca que percorria vilarejos vizinhos, trazendo e levando visitantes e trabalhadores ao povoado. Era pelo Passo de Estrela que banhistas tinham acesso à praia de cascalho nas margens do Taquari, onde nos dias quentes, desfrutavam do frescor das águas.

No alto dos 105 degraus da escadaria, havia duas imagens esculpidas em pedras de areia, obras do canteiro Asmuz Ericksen, que simbolizavam a indústria e o comércio local. Obra exuberante, a escadaria dava acesso ao trapiche onde atracavam os barcos a vapor que traziam



ANTIGO PORTO DE ESTRELA

Foto: Acervo Memorial da Aepan-ONG

e levavam mercadorias acondicionadas em barricas de madeira para a capital como banha, grãos, cereais, erva-mate, fumo e produtos derivados de animais, bem como malas postais, correspondências e passageiros nas incríveis viagens a vapor e gasolina.

Devido à altura da barranca, as mercadorias que embarcavam ou desembarcavam no porto eram transportadas por maxambombas, engenhocas que tinham como objetivo a carga e descarga dos vapores atracados no porto, ou seja, faziam a ligação e o transporte dos produtos armazenados até o cais que era praticamente ao nível das águas. As maxambombas eram feitas de material simples. Os piões feitos de madeira ficavam nas extremidades do trilho, um cabo de aço fazia a ligação entre as extremidades para que os carrinhos descobertos, nos quais eram transportadas as mercadorias, fossem movimentados. Inicialmente a tração era animal e mais tarde à luz elétrica.

Aproximadamente 20 anos após

sua inauguração, ocorreu uma grande cheia fazendo com que o nível do majestoso Rio Taquari se elevasse para mais de 29 metros impossibilitando e levando ao declínio a navegação devido ao assoreamento. Foram 22 dias de chuvas ininterruptas que fizeram com que a bela colina onde Estrela se desenvolvia, temporariamente, se tornasse uma ilha, levando a ela, e a toda região, mudanças em nível econômico e social.

Em 1974, a rua Arnaldo J. Diehl, amorosamente chamada de "Rua da Praia", onde ficava a Escadaria, foi fechada para que a Indústria de Bebidas Antártica Polar S/A, indústria cervejeira e que estava em plena expansão, pudesse colaborar para o desenvolvimento da cidade.

Segundo o ilustríssimo médico, que atendia o ambulatório da empresa na década de 70, Dr. Werner Schinke, a incorporação da Cervejaria Polar pela paulista Cia. Antártica e a consequente mudança da diretoria proporcionou grandes melhoramentos em diversas áreas como saúde e social. No entanto, mui-

tos proprietários tiveram de deixar suas casas para que a indústria pudesse ampliar seu empreendimento gerando um grande descontentamento aos moradores da Rua da Praia.

Médico clínico e cirurgião geral, Dr. Werner Schinke se formou em medicina em 1954 em Porto Alegre, e para a pequena Estrela se mudou com a esposa, a Senhora Gisela Schulz Schinke, que além de ser enfermeira formada pela Cruz Vermelha, é uma exímia pintora com traços fortes e delicados. Mais tarde, decidido a especializar-se, achou oportuno ingressar numa área da medicina que estava em ascensão, a Medicina do Trabalho. Esta decisão ocorreu devido a uma lei recente, na qual o Ministério do Trabalho impunha a empresas que com mais de 500 trabalhadores, fosse obrigada a ter um médico especialista na área. Segundo o Dr. Schinke, ele iniciou uma nova fase em seu exercício profissional, que, segundo ele, foi uma decisão muito acertada e gratificante.

Entre muitos contos e memórias narradas nas "Reminiscências de Werner Schinke e esposa Gisela em sua relação com a Cervejaria Antártica-Polar de Estrela.", o historiador por paixão, conta da visão inesquecível de Estrela no alto do barranco. Quando vinha de Marques de Souza, primeira vila em que exerceu a medicina, em pequenas embarcações para participar das

sessões da Sociedade de Medicina, ficava deslumbrado pelo encantamento da pequena cidade e pelo cais no qual desembarcava para subir os incontáveis degraus da escadaria.

Devido à expansão, em 1974, a direção da Polar resolveu construir um ambulatório médico com enfermaria e um vestiário com chuveiros e sanitários para os empregados. Resolveu-se para tanto usar o local histórico da escadaria do porto. Na ocasião, as estátuas foram transferidas para o início da Rua Júlio de Castilhos e a escadaria foi aterrada até o nível da Rua Arnaldo J. Diel, e em cima do aterro foi construído o citado prédio. Segundo o médico, que de longe acompanhava a obra, foram centenas de caminhões de terra os responsáveis pelo aterramento, a fim de dar a devida sustentação à edificação.

O Dr. Schinke tinha por função o atendimento ambulatorial. Este consistia em dar consultas e atender os acidentados de pequenas lesões, na medida do possível, no próprio ambulatório. Ocorrências como pequenos cortes por queda dos engradados, na época de madeira, e que com o uso e o tempo apodreciam e quebravam fazendo com que dezenas de garrafas caíssem ao chão e estilhaços de vidro ferissem os funcionários, eram frequentes, até que começaram a usar engradados de plástico. Fazer parte da Comissão Interna de Prevenção de Acidentes do Trabalho também era de grande importância, pois participava de reuniões e dava palestras e esclarecimentos sobre assuntos relativos à Medicina do Trabalho e outros.

"15 de março de 2004, neste dia prestei o último serviço para a Cervejaria Antártica/Polar, após 29 anos de serviços prestados. Coube-me a melancólica tarefa de executar os Exames médicos demissionários, isto é, formular e fornecer o derradeiro atestado de saúde ocupacional do empregado." Para o Dr. Werner Schinke, o fechamento definitivo de todas as atividades da fá-

**Dr. Werner Schinke e Dona Gisela Schulz Schinke em sua Biblioteca particular.
Foto: Mariana Galeazzi Modesti**



A escadaria é reinaugurada com a presença da comunidade que passa a resgatar o seu contato com o rio.

brica Polar foi um duro golpe para as famílias dos colaboradores, assim como para todo o município.

No ano de 2006, encerraram definitivamente as atividades dos reminiscentes que ficaram para cuidar do patrimônio da indústria cervejeira. Por coincidência, no mesmo ano em que a Polar foi desativada, o Dr. Schinke aposentou-se do exercício da medicina, dedicando-se, assim, a cultivar memórias, objetos e documentos históricos adquiridos no decorrer da sua vida, ao lado de sua companheira de caminhada, a Senhora Gisela.

Em 2008, o governo municipal, sob a administração do prefeito Celso Brönstrup, juntamente com a iniciativa privada, iniciou um processo de aquisição dos imóveis da Companhia de Bebidas das Américas - AMBEV, a antiga proprietária do imóvel, e no ano seguinte deu-se início à revitalização da Escadaria com a derrubada do prédio que fora construído sobre o acesso ao cais do porto. Num ato simbólico, o prefeito Celso Brönstrup e o Dr. Werner Schinke, deram a marretada inicial na edificação que estava construída sobre a histórica escadaria.

Após revitalização, em 2015, o governo de Estrela, ao comando de Carlos Rafael Mallmann, devolveu à comunidade um dos locais históricos mais importantes do município. A escadaria é reinaugurada com a presença da comunidade que passa a resgatar o seu contato com o rio. "É bem verdade que em cada consciência individual as imagens e os pensamentos que resultam dos diversos ambientes que atravessamos se sucedem segundo uma ordem nova e que, neste sentido, cada um de nós

ARTE NA ESCADARIA

Foto: ...





**Da esquerda para a direita:
Dolores Mussnich, Patrícia Pedotte,
Adriane Mallmann e Lilyan Cândido
Foto : Acervo particular de Lilyan Cândido**

tem uma história" (HALBWACHS, 2006, p.57). Nossas histórias, nossas memórias se entrelaçam formando uma memória coletiva.

Com a aquisição e reabertura da Rua da Praia, a escadaria como ponto turístico, concentra há mais de três anos um dos principais eventos da cidade: o Arte na Escadaria. Este movimento artístico e cultural idealizado inicialmente pelas Senhoras Lilyan Cândido, Dolores Mussnich e Adriane Mallmann, e que mais tarde recebeu a participação de Patrícia Pedotte, responsável pelo projeto de revitalização do espaço, foi inspirado nas feiras e exposições que são realizados em espaços públicos de outros países como Buenos Aires e Peru, e na cidade vizinha Lajeado, onde ocorre o Arte na Praça.

Segundo Lilyan Cândido, por ser a Escadaria um espaço significativo e democrático, é importante que a comunidade se aproprie dele de maneira prazerosa e responsável a fim de resgatar cada vez mais a sua relação com o rio. O Arte na Escadaria acontece nos primeiros domingos de cada mês e conta com o apoio da Secretaria de Cultura do município. Por ser um espaço social que oportuniza entretenimento e apresentações multiculturais com brincadeiras para crianças, shows e exposições de artesãos locais, possibilita tal aproximação, oferecendo aos munícipes um resgate às memórias de um cais do porto.

REFERÊNCIAS:

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. Editora Centauro, São Paulo/SP, 2006

HESSEL, Lothar. *O Município de Estrela História e Crônica*. Editora da Universidade, Porto Alegre/RS, 1983.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela Ontem e Hoje*. Novak Multimedia, Lajeado/RS, 2002.

FOLHA DE ESTRELA, Jornal. Ano 16, n 814, ed. especial 813, Estrela, 26 de março de 2015.

Entrevistados:

Dr. Werner H. E. Schink é, Médico do Trabalho aposentado e Ex-Presidente do Centro Cultural 25 de Julho - Vale do Taquari

Lilyan Cândido, é a idealizadora do projeto social e cultural "Arte na Escadaria", Bacharel em Letras com Licenciatura para Literatura e Língua Portuguesa, Especialista em Gestão e Supervisão Escolar e Educação Indígena. Fotógrafa por paixão, amante da arte e cantora do Grupo Musical "Vocal em Cena" de Estrela.



Autora:

MARIANA GALEAZZI MODESTI - é Especialista em Gestão e Docência no Ensino Superior pela La Salle/Estrela; Psicopedagoga Institucional pela Universidade Castelo Branco/RJ; Especialista em Arteterapia pela Psiquê Clínica de Arteterapia/RS; Pedagoga pela PUCRS; Mestra em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE/RS; Graduanda em Psicologia pela UNIVATES. E-mail:mariana.201820342@unilasalle.edu.br





PARQUE PRINCESA DO VALE

Memórias de um espaço no município de Estrela

O Parque Princesa do Vale é um espaço público, no coração do município de Estrela, RS. Conhecido como Parcão, o lugar é motivo de orgulho para os moradores e referência no Vale do Taquari. Está situado na Rua Júlio de Castilhos, Bairro Cristo Rei, próximo ao centro da cidade. De fácil acesso ao longo do trecho da Br 386, para quem trafega no sentido capital - interior pode-se acessar o centro urbano pela Trans Santa Rita, pelo Bairro Imigrantes ou ainda pelo trevo de entrada do município. O Parque Princesa do Vale oferece à comunidade e aos visitantes uma infraestrutura para lazer e prática de esportes. Além disso, o espaço é utilizado pela administração municipal para eventos de educação, cultura, saúde e lazer. Festividades, como Maifest, Brincando no Parque, Semana da Criança, Natal, bem como celebrações ecumênicas são tradicionais e mobilizam o setor cultural e econômico do município.

O tempo e o espaço são fundamentais para retratar a memória do local, antes privado e, que há vinte e três anos passou a ser de uso público. E para dar eco às memó-

Parque Princesa do Vale
Imagens: Airton Engster dos Santos
Memorial da Aepan-ONG (2013)

rias desse espaço foram entrevistadas duas famílias com o objetivo de elucidar fatos especialmente pela ótica de quem observou as transformações do jardim de sua casa e por quem realizou o desenho do projeto, da planta à obra finalizada.

Em relação ao tempo, Neusa disse que acompanhou toda a transformação do espaço que fica em frente a sua casa. Conta que era pequena quando veio morar em Estrela e que naquela época o local ainda era roça com mato de eucalipto, brejo e banhado. Seu pai plantava e criava vacas. Próximo à calçada havia uma cerca natural de hibiscos bem alta que delimitava o espaço da calçada. Quem passava pela rua, via pouco do lugar. Os circos e parques de diversão que vinham para a cidade eram instalados neste espaço por ser amplo e de fácil acesso aos moradores.

Em relação ao tempo de transformação, lembra que quando nasceu o filho Gabriel (21) tinha uma árvore grande onde penduravam uma rede para embalar o bebê. "Era bonito!" Depois com o parque, o espaço foi transformado, inclusive os arredores. Do outro lado da rua havia uma oficina, atrás da Madetec



O casal, Neusa da Silva Vicente (56) e Vergulino Pereira Vicente (64) residem há mais de quarenta anos ao lado do Parque Princesa do Vale e dizem ter bastante coisa para contar, pois criaram seus cinco filhos nesse lugar.
Imagem: Autora

(Empresa já desativada, que fabricava móveis) e também tinha um banhado grande. No prédio da antiga empresa, atualmente é um Pub. Próximo ao Supermercado havia uma casa que foi retirada. Ela expressa saudosa: -"Era tudo gente conhecida, gente da nossa!" Das pessoas que moravam na casa, não teve mais notícias. Na extensão do terreno, com as obras foram construídas pistas de skate, bicicross, atletismo e um campo de rugby.

O movimento no Parcão inicia cedo pela manhã com gente caminhando ou na prática de esportes e segue ao longo do dia até às 23 horas com atividades livres e orientadas. Neusa disse estar acostumada com o barulho. Destaca que das belezas do parque quem visita não imagina as mudanças e nem que em épocas de cheias, o parque fica embaixo d'água. Relata que morou quarenta anos dentro da enchente e que toda a vez que vinha água, precisavam sair. Brincou que depois que fez sua casa alta, nunca mais veio enchente grande, só menores. E afirma: "- Quem não conhece, não imagina como fica essa área!" Lembra que nas enchentes grandes, os postes da cerca do Parcão ficavam só com a ponta de fora. E mesmo com essas dificuldades gosta de morar ali. Segundo Vergulino, o Parcão é a coisa mais bonita que aconteceu em Estrela. Deu um "tchan" na cidade.

Considerando os municípios vizinhos, o casal destaca que o Parcão é um lugar especial de convivência para crianças e suas famílias, pois tem espaço, estrutura e segurança para todas as idades. De quadras para prática de diferentes esportes, pistas para caminhada, patinetes e bicicletas. Além disso, o parque oferece academia ao ar livre, pracinhas e espaço com bancos para o bom chimarrão. Em dias de eventos as pessoas podem passear de caiaques com instrutores, no lago artificial. São boas ideias e o pensamento para o coletivo.

Nesse espaço de moradia e convivência foi construída a identidade da família que tem amor pelo lugar. E afirmam que não trocam sua moradia por nada. Há memórias afetivas que foram construídas ao longo dos anos do casal. Halbwachs (2003, p.72) afirma que o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias, que o indivíduo não inventou, mas toma empre-

As lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos. Isso acontece porque jamais estamos sós” (HALBWACHS, 2013, p. 30).

tado de seu ambiente. Não é menos verdade que não conseguimos lembrar senão do que vimos, fizemos, sentimos, pensamos num momento do tempo, ou seja, nossa memória não se confunde com a dos outros. Ela está estreitamente limitada no espaço e no tempo.

José Itamar Horn (Bitti), ex-secretário da Secretaria Municipal de Esporte e Lazer (SMEL) contribuiu com a memória organizacional do estudo. Da memória profissional relatou que foi funcionário públi-

co por 35 anos. Além de secretário municipal exerceu atividades de escriturário e topógrafo. Ocupou a pasta nos governos dos ex-prefeitos Leonildo José Mariani e de Günther Ricardo Wagner. Das funções como secretário, lembra que organizou concursos, como o de Miss Estrela, e trouxe a convite as jornalistas Maria do Carmo e Vera Armando entre outras personalidades como juradas com vistas a engrandecer o evento.

Na entrevista relatou que a área onde se localiza o Parque era da Mitra Diocesana, organismo administrativo da Igreja Católica. As tratativas para a aquisição do espaço ocorreram na gestão de Leonildo José Mariani, no ano de 1992. O investimento foi realizado pela administração municipal e o Bispo Diocesano. Naquele período, os gestores tinham como finalidade transformar o espaço com a construção de um parque para o uso da comunidade. Das memórias narradas pelo casal Neusa e Vergulino, o ex-secretário explica que na área onde se localiza o parque por longos anos também foi um depósito de lixo e que mexer naquela área não seria tarefa fácil. O tempo passou e em 1993, na gestão de Günther Ricardo Wagner houve um movimento popular por parte de alguns moradores de Estrela, solicitando ao prefeito a transformação daquela área.

Em meados de janeiro de 1995, o ex-prefeito Günther depois do expediente da Prefeitura Municipal, encontrou Bitti descendo as escadas do saguão do prédio e de maneira informal o questionou sobre a possibilidade de elaboração de um projeto para o parque. Com dezoito noites de trabalho, o secretário fez uma maquete e a planta baixa, observando os padrões, escalas e medidas oficiais dos campos e quadras conforme cada esporte proposto. Após a etapa do planejamento, com a maquete feita e a planta em pranchas com nanquim, apresentou o projeto ao ex-prefeito, detalhando, inclusive, o cálculo de espaço

entre as quadras e pracinhas para possibilitar a circulação de ambulância ou outro veículo em caso de emergência. Realizada a apreciação e aprovação do trabalho apresentado, Bitti fez a solicitação para implementar e executar a obra que teve seu início em fevereiro de 1995. E assim deu-se início ao trabalho que aconteceu ao longo de um ano e três meses aproximadamente.

Curiosidade - O nome do parque foi escolhido em um concurso popular através da lei nº 2.714, de 29-11-1994, com a participação de 120 pessoas, foi escolhido o nome "Parque Princesa do Vale", tendo como autores a Milena Görden e João Sai Grando.

Com os conhecimentos de topógrafo e auxílio de aparelhos topográficos o secretário orientou a descarga de cada carga de terra com o cuidado de observar o nivelamento para evitar que em épocas de cheias a água fique empoçada, facilitando a drenagem. Lembra que no projeto original havia um palco para eventos, dois chafarizes com estrutura de ferro. Além disso, no projeto e execução havia uma ponte que atravessava o lago. Com o desgaste e o passar do tempo foi removida.

Destaca a importância da sua equipe de trabalho e auxílio da Secretaria Municipal de Obras e Viação (SMOV), no período de um ano e três meses, desde a primeira carga de terra até o acender da última lâmpada. Em números, foram 10.500 cargas de terra de caminhão truck com capacidade de 12m³. Destas, 6.500 cargas foram do lado da pista de skate e bicicross e, do lado do parque foram 4.000 cargas, porque já havia uma parte aterrada com o lixo que era depositado no espaço anteriormente e o lago, que era um bom espaço de terra. Já a pista de atletismo foi feita mais tarde, na gestão do prefeito Celso Bronstrup.

Da relação com o parque, Bit-



José Itamar Horn (Bitti).



Prefeito Carlos Rafael Mallmann.

ti diz que não gosta muito de entrar no local, pois por ser minucioso, não pode ver alguma coisa fora do lugar e, principalmente, a Capatazia que se encontra instalada dentro da área do Parcão. Contudo, reconhece sua contribuição à comunidade enquanto protagonista na elaboração do projeto. É grato pela confiança depositada pelo Prefeito Günter, pelos profissionais que contribuíram com seu trabalho, pela família que o apoiou, especialmente nesse período.

Em relação à manutenção, a Prefeitura Municipal realiza limpeza regular e manutenção do espaço público. Há câmeras de segurança e vigias que zelam pelo cuidado do espaço para o bem-estar das pessoas que circulam, no horário em que o parque está aberto, ou seja, nos turnos da manhã, tarde e noite durante a semana e nos finais de semana.

De acordo com o Prefeito Rafael Mallmann o parque é um ponto de encontro da comunidade e referência no Vale. Como gestor, destacou as atividades de manutenção e futuros investimentos como a quadra coberta para esportes e eventos. Projeto de modernização das pracinhas o Projeto do Governo Federal para iluminação e construção de arquibancadas com possibilidade de ampliar os eventos à noite.

No dia 18 de maio de 1996 a obra foi concluída e o Parque Princesa do Vale foi entregue à comunidade estrelense. Foram muitas ações e mãos que contribuíram para a execução da obra que completou em 2019, 23 anos de existência. Já a cidade de Estrela, no dia 20 de Maio completou seus 143 Anos de história.

O estudo realizado através das narrativas é um diálogo entre o real observado e o tempo de transformação referente à memória desse espaço querido, preservado pela gestão municipal e comunidade local. Para HALBWACHS, (2006,

p. 30) "nossas lembranças permanecem coletivas e nos são lembradas por outros, ainda que se trate de eventos em que somente nós estivemos envolvidos e objetos que somente nós vimos".

REFERÊNCIAS:

Blog do Airton Engster dos Santos - *Notícias de Estrela* - RS; Aepan - ONG - Email: aepan.ong@gmail.com

FORTUNA, Carlos. *Culturas urbanas e espaços públicos: Sobre as cidades e a emergência de um novo paradigma sociológico*. Faculdade de Economia da Universidade de Coimbra e Centro de Estudos Sociais. Revista Crítica de Ciências Sociais, 63, Outubro 2002: 123-148

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*; Tradução de Beatriz Sidou. São Paulo: Centauro, 2003.



Autora:

MÁRCIA ANDRÉIA DE CASTRO BEPPLER - Professora, Pedagoga, Mestre do Curso Memória Social e Bens Culturais Unilasalle. A autora traz em si o valor da família e o desejo de ajudar pessoas através da educação. Professora apaixonada com formação inicial no Curso Normal do Colégio Santo Antônio; graduação em Pedagogia pela ULBRA e especialização, no Curso de Gestão Escolar pela Faculdade La Salle Estrela. É professora no Instituto Estadual de Educação Estrela da Manhã onde atua com a formação inicial de professores. Coordenadora Pedagógica do Colégio Santo Antônio e da Faculdade La Salle Estrela.





Fonte: Blog do Airton - Aeapan
Rio Taquari - Antas

PRAIA DO CASCALHO

O município de Estrela é banhado pelo Rio Taquari, que trouxe por suas águas, os colonizadores para desbravarem este local e fundaram, em 20 de Maio de 1876, este município, um dos mais antigos do Vale do Taquari. Margens estreitas, muito cascalho, fácil acesso e águas limpas fizeram do Taquari dos anos 50, 60 e 70, um espaço de lazer e encontro dos moradores da região - ali aconteceram muitos eventos sociais, concursos de beleza, encontros, momentos relembrados com emoção, pois fizeram parte da infância e adolescência de muitos estrelenses.

Segundo o jornal O Informativo (2005), "A Praia do Cascalho era o local de encontro de famílias, amigos e pescadores. Lá se



**Fonte: Blog do Airton - Aeapan
Rio Taquari - Antas**

podia fisgar bons peixes, praticar esporte e as lavadeiras também aproveitavam a extensão da encosta de cascalhos para limpar roupas. Por não ter muita profundidade, o rio permitia a travessia a pé para a cidade de Lajeado. Havia, inclusive, competições do nadador mais rápido.” (P. 12)

Resido em Estrela desde que nasci e a Praia do Cascalho sempre despertou minha curiosidade pelas diversas histórias que ouvi na minha infância. Não tive oportunidade de conhecê-la - ficou submersa quando eu tinha apenas cinco anos; mas cresci ouvindo as memórias dos meus pais e tios, com saudosas e felizes lembranças daquele lugar tão especial que marcou a vida de tantos estrelenses e moradores da região. Acredito que essa vivência tenha me motivado a pesquisar e trazer a

história desse rio, dessa praia.

Rio Taquari, que foi...

praia sem mar...

praia sem areia...

praia com cascalho... Praia do Cascalho!

Trago as memórias de Maria Noeli Finger, professora aposentada, que ainda hoje reside em Estrela, mas costuma passar o verão no litoral norte.

Noeli, como é chamada pelos amigos, recebeu-me em sua residência de veraneio, na praia de Xangri-lá, e contou-me que viveu toda sua infância e adolescência junto às águas do Rio Taquari, em Estrela. Naquele tempo, deslocar-se para o litoral era privilégio de poucos.

Durante 15 anos de sua vida, dos cinco aos vinte anos, Noeli morou na Rua da Praia, onde seus pais tinham uma padaria. Não conheciam a

praia, a praia deles era a "Prainha do Cascalho"; durante o verão, todos os dias, desciam a barranca - toda ela com cascalho, para chegar à "Prainha".

Essa praia tinha uma rua onde as pessoas passavam e também trafegavam caminhões e carros levando as bebidas. Lá aconteciam churrascos, as pessoas se encontravam junto às árvores onde já tinham as suas barraquinhas/cabanas destinadas para passar bons dias durante o verão. Essas barraquinhas eram limpas, cuidadas e embelezadas por moradores - diziam que era o ponto - local reservado sem qualquer custo para passar os dias.

Conta, ainda, que tomavam banho de sol em cima dos cascalhos, atravessavam o rio a nado até uma ilha que havia no meio do Taquari. Alguns se aventuravam nadando por uma pequena cachoeira abaixo. As pessoas levavam os idosos para passear na Prainha, que ficavam sentados na sombra, e, também, os animais. O "Duque", cachorro da Noeli, acompanhava-os e nadava com eles. As crianças aprendiam a nadar no Rio Taquari, não em piscinas, como acontece hoje. Disse que até seus 17 anos veraneava na "Prainha do Cascalho". A grande maioria das pessoas não conhecia o litoral, veraneava e aproveitavam os finais de semana na Praia do Cascalho. Noeli foi conhecer o litoral norte com quase vinte anos, um pouco antes de casar.

Segundo ela, eram organizados os belos desfiles das misses do Rio Taquari - uma das festas mais lindas que aconteciam. O Jornal "O Informativo do Vale" de dezembro de 2005, traz: "O evento de maior destaque era o concurso de beleza Rainha das Praias, apelidado de Miss Cascalho. A primeira edição ocorreu em 1968. Uma passarela era montada no dia do evento e pessoas se aglomeravam para fazer a torcida e curtir a beleza

de uma cachoeira natural, formada pela correnteza das águas em volta de uma ilha" (p.16)

Conforme o Jornal "Folha de Estrela", de 2005, (p.12) estes concursos eram promovidos pela Rádio Alto Taquari, aconteciam anualmente, com exceção de 1972, quando as constantes cheias do Rio Taquari impossibilitaram a realização. A primeira edição foi realizada em 1968, a vencedora foi a cruzeirense Maria Inês Vogt, a última edição, em 1975 também teve uma vencedora cruzeirense, Suzane Barros, que ganhou um automóvel Volkswagen.

Noeli segue compartilhando suas memórias dizendo que seus pais faziam muitos negócios, pois to-

Rio Taquari, que foi... praia sem mar... praia sem areia... praia com cascalho... Praia do Cascalho!

das as pessoas que desciam a barranca do rio compravam os doces, os pães, levavam as merendas todas para fazer piquenique no rio; portanto, além do lazer, havia também, o desenvolvimento do comércio no entorno da Prainha. Vinham pessoas de todos os municípios da redondeza para aproveitar, desciam de carro quase até a beira do rio, pois na época o prefeito fez um acesso para os carros trafegarem.

O esposo de Noeli, enquanto ainda namoravam, vinha de Porto Alegre visitá-la e eles andavam de caíco, passeavam pelo Rio para apreciar a paisagem, que era muito bonita. Seus filhos provei-

taram pouco a prainha, pois nos anos setenta a população recebeu, com muita tristeza, a notícia de que não teria mais a Prainha. Não houve mobilização alguma no sentido de reivindicar a permanência/conservação desse espaço de lazer, entretenimento e economia. Os cidadãos da época aceitaram pacificamente a decisão. Disse que com a construção da Barragem em Bom Retiro do Sul, a Praia do Cascalho ficou submersa. Além de não ter mais aquele espaço de lazer, muitas famílias, assim como os pais dela, ficaram prejudicadas com seu comércio. Tiveram, ainda, que deixar suas casas na rua da Praia, por sugestão do prefeito da época, sendo indenizadas. Muitos estrelenses, assim como Noeli, levaram para suas residências alguns cascalhos para guardar de lembrança. Ela, inclusive, tem alguns guardados em Estrela, e, também, em Xangri-lá. Hoje eles são preservados, não podem ser retirados do rio.

Participa do grupo "Barranqueiros do Rio Taquari" (moradores da antiga Rua da Praia, hoje Arnaldo José Dihel), que organizou quatro eventos muito bonitos para reviver e compartilhar memórias. Um deles aconteceu no SESI de Estrela e teve cascalhos do Rio Taquari decorando as mesas. Esse grupo tem, inclusive, uma música, composta por Mário Ruschel, cujo estribilho Noeli ainda sabe entoar: "Rua da Praia que tantas lembranças nos traz, das brincadeiras, dos tempos que não voltam mais." A música, na íntegra, costuma ser cantada nos encontros dos barranqueiros. Para Giuslane, segundo HALBWACHS (2006, p. 248),

... a lembrança necessita de uma comunidade afetiva, cuja construção se dá mediante o convívio social que os indivíduos estabelecem com outras pessoas ou grupos sociais, a

lembrança individual é então baseada nas lembranças dos grupos nos quais esses indivíduos estiveram inseridos.

As memórias de Noeli foram expressadas com muita emoção, carinho e orgulho em poder socializar sua história de vida que se mistura com uma parte da história do município de Estrela. "É, portanto, mediante a categoria de "memória coletiva" de Halbwachs que a memória deixa de ter apenas a dimensão individual, tendo em vista que as memórias de um sujeito nunca são apenas suas ao passo que nenhuma lembrança pode coexistir isolada de um grupo social." (GIUSLANE, p. 247)

O Jornal Folha de Estrela, de 2005, reforça as memórias de Noeli, registrando que: "...as famílias aproveitavam o local para acampar, havendo a construção de cabanas, possibilitando, inclusive, pernoitar por lá. Contava com uma infraestrutura muito boa, a começar pelo acesso, que regularmente era patrolado, além da colocação de sanitários, um bar que comercializava bebidas (Polar/Antarctica) e alimentos, facilitando, assim, a vida dos banhistas, e ainda contava com estacionamento para carros. (p. 12)

Como nos conta a História do município, Estrela cresceu, com o progresso, veio a iniciativa de se ter um Porto Rodo-Hidro-Ferrovário, mas, para tanto, foi necessária a construção de uma Barragem - Eclusa, localizada no município vizinho de Bom Retiro do Sul para possibilitar a navegação. Em 1977, com a conclusão da construção da Barragem, a profundidade do Rio Taquari aumentou, bem como suas margens, para possibilitar a navegação. Assim findou-se a Prainha ou Praia do Cascalho, que até hoje é saudosa lembrança de muitos moradores daquela época. Em 29 de

setembro de 2010 as comportas da Barragem foram abertas durante 36 horas para possibilitar o resgate de um barco de areia que havia afundado e, com isso, nas proximidades da escadaria, foi possível rever a antiga Praia do Cascalho por algumas horas, trazendo à tona memórias de vários moradores que passam para as novas gerações o amor por esse lugar!

REFERÊNCIAS:

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. Tradução de Beatriz Sidou. 2ªed. São Paulo: Centauro, 2013. Giuslane Francisca da Silva

AEDOS Revista do corpo discente do PPG - *História da UFRGS Aedos, Porto Alegre*, v. 8, n. 18, p. 247-253, Ago. 2016 248

Jornal Folha de Estrela - Estrela, 1 de dezembro de 2005.

Jornal O Informativo - Vale do Taquari RS - Lajeado, 3 de dezembro de 2005.



Autora:

PATRÍCIA BRANCO - Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE; Pós-graduação em Psicopedagogia pela UCS; Graduação em Pedagogia Supervisão Escolar pela ULBRA; Supervisora na Secretaria Municipal de Educação de Estrela; Coordenadora da Educação Infantil e Anos Iniciais do Colégio Santo Antônio. E-mail: patricia.201820344@unilasalle.edu.br.



Quer conversar sobre como se dá o processo de criação, concepção de produto e desenvolvimento dos trabalhos realizados no nosso PPG? Gostaria de trocar ideias com colegas e egressos, expor tuas inquietações e tirar dúvidas, conversando de aluno pra aluno?

A Representação Discente do Mestrado e do Doutorado
lançou os

MnemoDiálogos

um espaço nosso!

João Kupka
joao.201210492@unilasalle.edu.br

Tatiana Araújo de Lima
tatiana.201420255@unilasalle.edu.br



Primeira construção do Colégio Santo Antônio em 1921
Fonte: Arquivo do Colégio Santo Antônio

Colégio Santo Antônio revitaliza espaço histórico de educação regional

No século XIX, ano de 1897, numa pequena vila do sul do Brasil, a comunidade sonhava com mais um educandário. Estrela era governada pelo Intendente eleito, Pércio de Oliveira Freitas. Naquela época, as comunidades construíam suas escolas e colégios buscando soluções próprias para enfrentar com rapidez o problema do ensino para seus filhos. Eram frequentes as reuniões dos padres jesuítas de Estrela e Lajeado onde comentavam seus problemas pastorais, chegando à conclusão da necessidade de uma escola católica em suas paróquias. Os pais reclamavam um atendimento para educação de suas filhas, porém a dificuldade era encontrar congregações religiosas que se dispusessem a se estabelecer tão longe, como na época estava o Vale do Taquari.

Então, os padres jesuítas se reuniram com algumas lideranças para a escolha do local. O pároco, reverendo Francisco Xavier Schleipen, viajou a Porto Alegre com o propósito de fundar um colégio católico. Em 4 de maio de 1897, uma área de 4.566m² foi adquirida, ocupando uma quadra inteira bem no centro da vila, próxima à igreja matriz. Sua habilidade de construtor contribuiu para a decisão de construir um prédio na sede do município para dar início ao educandário que seria doado para a congregação das Irmãs Franciscanas da Penitência e Caridade Cristã. Iniciava a construção do prédio com fachada de frente para a rua Santo Antônio de direção leste-oeste, passando a denominar-se pelo Ato Municipal nº 20, de 18-4-1899, segundo Lothar Hessel ApubSchierholt (2002): Rua Coronel Flores.

O Colégio foi fundado um ano após o início de suas obras. A Irmã Superiora da Missão, Madre Ludgera organizou a primeira comunidade religiosa formada pela Madre HyacinthaTiedig, irmã Cecília Stülp, irmã Valéria Meurer, Irmã Marina Turati, irmã Materna Müller e irmã Mathilde Kipper para assumirem a obra educativa. Conta Irmã Benícia

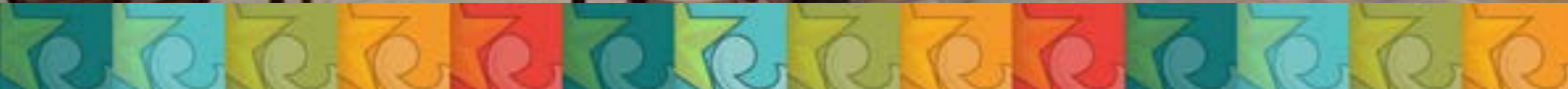
Flesch que a viagem de Porto Alegre a Estrela durou vinte e seis horas, o que hoje, pelo asfalto, se faz em pouco mais de uma hora.

Naquele 10 de janeiro de 1898, o vapor que subia o Rio Taquari não conseguia avançar por causa das águas rasas de um período de seca, e para piorar, na madrugada abate-se uma tempestade que fazia o vapor sacudir. Jorrava água pelas frestas. Felizmente chegou outro barco, fez-se a baldeação, mas a maratona não chegava ao fim: os passageiros tiveram de completar o

Eram frequentes as reuniões dos padres jesuítas de Estrela e Lajeado onde comentava seus problemas pastorais, chegando à conclusão da necessidade de uma escola católica em suas paróquias.

trecho em carroça puxada por mulas. Nesse período da história, somente as capitais das províncias eram chamadas de cidades.

Finalmente, às 14 horas do dia 11 de janeiro de 1898, a comunidade recebeu as seis Irmãs Franciscanas que partiram de Porto Alegre com o compromisso de dirigir uma obra de educação e contribuir com o desenvolvimento dessa pequena vila situada à margem esquerda do rio Taquari. Foram recebidas com banda de música, foguetes e discursos. Cansadas, passaram pelos arcos cobertos de flores até chegarem à



Espaços do Colégio Santo Antônio, 2019
Fonte: Arquivo da Autora

casa em que o colégio funcionaria. No dia 16 de janeiro iniciaram as aulas. O ensino era de orientação católica e somente para meninas. A primeira turma iniciou o ano letivo com 8 (oito) alunas matriculadas. Foi ministrado na sua totalidade em língua alemã nos dois primeiros anos de sua fundação. Porém, em seu início, até surgir uma escola para meninos, acolheu os de tenra idade.

Foram inúmeras as transformações que ocorreram desde sua fundação, passando por internato de meninas e jovens. Este atendia a demanda de alunas oriundas das cidades da região pois era quase inexistente o transporte diário. O ensino, além de primeiro grau primário, era incrementado com o ensino de música e artes domésticas buscando o cumprimento da sua missão inicial. A portaria n° 335, de 2 de maio de 1950 oficializou o curso Ginásial agregando a Escola Normal Regional em 1954. Passados onze anos, instalou-se a Escola Normal de segundo ciclo. O coro do Colégio Santo Antônio, formado por alunas e sob o comando da Irmã Branca, dona de uma voz admirável e excelente organista, abrilhantaram a primeira missa dominical.

As quermesses com as generosas contribuições e a colaboração por parte dos pais das alunas sempre foram um considerável auxílio financeiro para a manutenção e ampliação do educandário. Século XXI. As dificuldades financeiras aumentan-

O educador franciscano trabalha na promoção da vida, da paz e do bem, estando aberto a novas formas de ensinar e aprender na relação com o outro e com o conhecimento.



Espaços do Colégio Santo Antônio, 2019
Fonte: Arquivo da Autora

do, redução no número de matrículas e aumento da inadimplência, bem como elevada folha de pagamento com pessoal levam a congregação franciscana a comunicar o encerramento das atividades. Em reunião realizada no dia 26 de setembro de 2005 com os pais, professores e, em clima de muita comoção, foi comunicado pelas irmãs Paula e Mônica Azevedo o encerramento das atividades em 31 de dezembro daquele ano. Os pais destacaram a importância da instituição e pediram tempo para refletir, principalmente para encontrar uma alternativa. Foi estipulado o prazo de uma semana para que pais e professores formassem uma comissão para avaliar a situação. A comunidade escolar, na busca de soluções para dar continuidade a esta história de educação e ensino, funda, no dia 19 de outubro de 2005, a Associação de Pais, Professores e Amigos do Santo Antônio - APASA.

A APASA tem a nobre causa de administrar o colégio, mantendo o ensino de qualidade e os princípios franciscanos num modelo vo-

luntário e cooperativo de gestão, primando pelas decisões coletivas. O Colégio acompanhou o espírito do tempo, sendo atingido pelas transformações e mudanças de seu curso, sem perder sua essência franciscana. Com ideias sustentáveis, cooperativistas e uma visão global, pais, colaboradores (pro-

E o fazer educativo lassalista por ser parte de uma rede internacional de educação, agrega valor à comunidade regional disseminando conhecimentos com uma visão global.

fessores e funcionários), alunos e equipe diretiva fizeram deste lugar um exemplo cultural, primando pelo ensino e desenvolvimento integral das pessoas.

Os desafios contemporâneos da educação transcendem a velha ideia de paredes em que o regime escolar se desenvolveu no século XX, conforme Célia Maria David (2015). A escola do século XXI propõe novas formas de aprendizado, com base tecnológica e ambientes compartilhados em redes e entre redes. Houve avanços no que se refere a salas com acesso a tecnologias diferenciadas para atender as demandas contemporâneas de metodologias ativas.

Desenvolveu-se, no Colégio Santo Antônio, uma educação voltada

As duas instituições unem-se em sua essência desenvolvendo o coletivo através da educação de pessoas.

a ambientes de cooperação e conforto, valorizando o exercício de vivências coletivas com normas, valores, bem-estar e conhecimento de si, buscando o propósito de sua essência, a Paz e o Bem. Somando pensamentos e fazendo acontecer é o que move a comunidade educativa na construção e reconstrução da identidade desse espaço de educação.

Diferentes tempos e etapas de formação convivem de forma harmoniosa, tendo no objetivo social de cada instituição o propósito de educar e desenvolver o coletivo. O Colégio Santo Antônio e a Faculdade de Tecnologia La Salle - Estrela compartilham espaços desde sua instalação no município no ano de 2009, o que favorece o exercício do cuidado com o coletivo, respeito às

individualidades e fortalecimento da cidadania global.

A educação franciscana, fundada nos princípios evangélicos de dignidade, reverência, liberdade e solidariedade, busca a formação de uma sociedade justa e fraterna, concebendo a pessoa como um ser de relações. O educador franciscano trabalha na promoção da vida, da paz e do bem, estando aberto a novas formas de ensinar e aprender na relação com o outro e com o conhecimento. E o fazer educativo lassalista por ser parte de uma rede internacional de educação, agrega valor à comunidade regional disseminando conhecimentos com uma visão global. As duas instituições unem-se em sua essência desenvolvendo o coletivo através da educação de pessoas.

REFERÊNCIAS:

DAVID, CM., ET AL., orgs. *Desafios contemporâneos da educação [online]*. São Paulo: Editora UNESP; São Paulo: Cultura acadêmica, 2015.

SCHIERHOLT, José Alfredo. *Estrela: Ontem e Hoje*. Lajeado: Editora Evangraf, 2002.

HESSEL, Lothar Francisco. *O município de Estrela; história e crônica*. 2. Editora Porto Alegre, 2004.



Autora:

CLAUDIA ARGILES DA COSTA - Mestra em Memória Social e Bens Culturais da Unilasalle; Especialista em MBA Gestão Financeira (Faculdade La Salle Estrela); e Supervisão Escolar (Universidade Cândido Mendes); Bacharel em Direito (UNIVATES). Diretora Administrativa da Faculdade La Salle Estrela e Diretora do Colégio Santo Antônio, Estrela-RS.





Estado atual da EEEF Bernardo Roberto Fröhlich, extinta em 2008
Foto: Carlos Evandro Schneider.

NENHUMA CRIANÇA SEM ESCOLA NO VALE DO TAQUARI

Observando a atual conjuntura, é possível imaginar que quem cresce na zona rural de um município tão pequeno quanto Bom Retiro do Sul, de aproximadamente 9 mil habitantes (parece bastante, mas depois da emancipação do distrito de Fazenda Vilanova esse número reduziu significativamente), na época de 1983/84, não teria muita "perspectiva de futuro". Ainda mais com pais com escolaridade tão baixa e sem visão de mundo que proporcionasse grandes esperanças. Escrevo isso não como lamúria, mas como descrição da realidade em que eu estava inserido, numa propriedade rural pequena, sem condições de grandes plantações ou de criações que pudessem gerar renda o suficiente para uma vida satisfatória.

Meu pai trabalhava fora, servidor público estadual, sediado em Lajeado mas trabalhando em diversos municípios da região, e minha mãe, era dona de casa. O desconhecimento da realidade social era tão grande que minha mãe "ficou em casa" até os meus 10 anos sem contribuir para nenhum tipo de previdência, o que hoje lhe causa transtornos pela



EEEF Boa Esperança, zona rural do município de Paverama, ainda em funcionamento. Foto: Carlos Evandro Schneider.

idade avançada em um trabalho braçal que está longe de proporcionar uma aposentadoria digna.

Algumas brincadeiras típicas da época, como pega-pega, pique-esconde, jogar bola... Fizeram

“[...] um grupo é uma instituição com papéis definidos a partir de direitos, obrigações e deveres, que cada um deve ser responsável pela sua parte [...]”

parte desta minha infância também. Mas minha mãe sempre é implacável em lembrar que eu amarrava um saco vermelho de cebola, ou batata, para “voar” como o Super Homem como “se fosse capaz de fazer grandes coi-

sas”, que nem ela acreditaria. Obviamente naquele tempo eu não tinha noção da realidade e não sabia o quão duro o mundo poderia ser, talvez, nem meus pais tivessem este senso de realidade.

Entretanto, com minha consciência de hoje, sou obrigado a escrever o quanto isso tudo foi significativo, no sentido positivo, para a minha formação moral, biológica e psicossocial. Eu não seria quem sou hoje sem ter passado por isso e, reforço como educador que sou, a importância de uma família bem estruturada, não perfeita, bem pelo contrário. Mas essa família me ensinou que um grupo é uma instituição com papéis definidos a partir de direitos, obrigações e deveres, que cada um deve ser responsável pela sua parte, senão, descamba tudo.

Enfim, durante um primário inteiro em uma brizoleta multisseriada, a vinte minutos a pé da minha casa, fizesse chuva ou sol, com direito a calçado fechado somente no inverno porque “chuva de verão faz bem”, peguei gosto pela “re-

lação com papéis". Claro que hoje eu sei que a desculpa do calçado fechado era um mote para ludibriar a mim e ao meu irmão mais velho. A condição financeira familiar não suportava mais do que dois pares de sapatos por ano, e como éramos dois filhos, cada um tinha direito a um. Naquela época os calçados, feitos de uma combinação plástica indescritível, não duravam muitos meses, combinado a estradas de chão batido, com pedras pontiagudas e soltas, então... pior ainda.

No inverno, nem sempre a sola ainda estava inteira, então, para suportar a água nos pés, se colocavam as meias e um saco plástico antes de calçar os sapatos, chegando na escola, descalçou-se tudo para "secar" até a hora da saída. Os sacos plásticos utilizados não eram os de açúcar, ou arroz, que eram mais grossos e resistentes, esses eram nossos "Tupperware's" da época, nós usávamos os menos impres-

cindíveis disponíveis.

Naquela Brizoleta, cinza com aberturas e detalhes em azul claro, típico das construções do Estado, com assoalho vermelho escuro, à base de muita cera em pasta, em salas pintadas totalmente de "amarelo bebê", com cortinas em um tergal bege as quais minha mãe projetou, costurou e estampou de acordo com suas competências e habilidades manuais. A minha, foi uma das 5.902 escolas primárias construídas em convênio com os municípios interessados no projeto. E havia muitas outras, nos mesmos moldes, pudera, eram pré-fabricadas e vinham com paredes inteiras a serem levantadas, inclusive com os vidros nas janelas. A minha foi criada em 25 de janeiro de 1947, mas eu somente fui estudar lá em 1989, depois da minha mãe, que "passou por lá" em 1965, aproximadamente. A minha foi extinta pela governadora Yeda, em 2008, curiosamente,

**Grupo de Mães Flor de Maio, da Barra do Silva Jorge, no interior de uma das salas de aula
Foto: Dalva Guilhermina Schneider.**



há exata uma década atrás.

Na minha 4ª série, como era o único aluno da turma, e o mais velho e, portanto, o “mais responsável”, deveria eu ajudar minha professora nos trabalhos burocráticos e administrativos, como registro de livros da biblioteca, montagem de matrizes para cópia no mimeógrafo e coisas do gênero. Penso que toda esta trajetória, aparentemente sofrida, mas que lembro de forma saudosa, fez com que o meu senso de pertencimento com o local me tornasse dono dele. Não dono único, mas um dos talvez centenas de donos que passaram por aquele espaço e se “adornaram” daquele prédio, tomando-o como referência da trajetória de uma fase da vida em que fomos

“[...] fomos responsáveis pelo corte da grama, pela poda das árvores de uva japonesa e pela manutenção da horta.”

responsáveis pelo corte da grama, pela poda das árvores de uva japonesa e pela manutenção da horta.

A minha Brizoleta é o meu lugar de memória no Vale do Taquari, assim como tantas outras Brizoletas foram o lugar para tantas outras crianças, por todos os municípios que compõem nossa região, pois, nossas memórias coletivas estão contempladas entre os aspectos material, simbólico e funcional. Têm a materialidade de um lugar de referência para o grupo e de manter e difundir as memórias e, ao mesmo tempo, são as expressões de nossa convivialidade em nossas memórias autobiográficas (BLANK, 2017).

Todas estas são memórias autobiográficas, são recortes e elementos da minha história de vida. A memória autobiográfica se apoia na memória histórica, pois,

[...] toda história de nossa vida faz parte da história em geral. Mas a segunda seria, naturalmente, bem mais ampla do que a primeira. Por outra parte, ela não nos representaria o passado senão sob uma forma resumida e esquemática, enquanto que a memória de nossa vida nos apresentaria um quadro bem mais contínuo e denso. (HALBWACHS, 1990, p. 55)

Orgulho-me muito de ter feito parte de um dos maiores planos educacionais da América Latina, o Serviço de Expressão e Descentralização do Ensino Primário (SEDEP) instituído pelo governo de Leonel de Moura Brizola (daí Brizoleta) durante seu governo Estadual que previa “Nenhuma criança sem Escola no Rio Grande do Sul”, de 1959 até 1963, durante o qual foram construídas 6.302 escolas como uma forma de combater o analfabetismo, que em nível nacional chegava a 67%.

As “Brizoletas” foram um avanço imensurável, uma proposta de longo prazo, uma demonstração de preocupação resiliente e perseverante para o desenvolvimento social de todo um Estado. No Vale do Taquari, tivemos dúzias e dúzias destas construções. Penso que minha trajetória profissional é bem semelhante a esta empreitada. Desde que me lembro, sempre “trabalhei” para construir uma imagem estável, confiável e confiante, ciente de que isso é uma construção de longo prazo.

Elas, as “Brizoletas”, foram criadas nos locais mais diversos possíveis, com ajuda direta das comunidades nas quais foram inseridas. Provavelmente, este envolvimento obrigatório de quem queria uma Escola para os seus filhos criou um laço de pertencimento da comuni-

dade com a escola, até porque foram edificadas em lugares que não tinham nenhum ponto de referência comunitária, como igreja ou salão comunitário, por exemplo.

Lembro que na localidade vizinha havia uma capela católica, onde as missas mensais eram regulares. Já os luteranos não possuíam um local para as celebrações dos cultos, então, utilizavam-se da brizoleta. Também havia as reuniões de formações da EMATER, na Escola, minha mãe, inclusive, ministrou um curso de pintura em tecido para as integrantes do Clube de Mães Flor de Maio, que era composto, basicamente, pelas mães com filhos naquela Escola.

“As memórias que vêm à tona são compostas de fragmentos, que linkadas a fragmentos de outras pessoas vão se constituindo numa sequência lógica[...]”

As memórias que vêm à tona são compostas de fragmentos, que linkadas a fragmentos de outras pessoas vão se constituindo numa sequência lógica, formando uma história inteira que faz parte de uma memória coletiva composta por todos e todas que tiveram relação com aquele local. A minha brizoleta é o ponto de convergência que estabeleceu o elo das memórias coletivas da Barra do Silva Jorge, localidade onde ela está construída, criando um local significativo para muitos que preencheram seu tempo com várias histórias de vida utilizando-se daquela referência.

A história das Brizoletas foi

contada no livro “Marcas do tempo: imagens e memórias das brizoletas”, de Claudemir de Barros, e é, praticamente, um registro histórico de uma memória que demonstra que a união faz a força. “[...] a memória é um fenômeno individual e psicológico que se liga também à vida social. [...]” (PACHECO, 2017, p. 195).

REFERÊNCIAS:

BLANK, Veleida Ana. *Memória e tempo*. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (Org.). Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura. 2. ed. Canoas: Unilasalle, 2017. p. 150-151.

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Centauro, 1990.

PACHECO, Margarete Ross Pereira. *Memória e tempo*. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (Org.). Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura. 2. ed. Canoas: Unilasalle, 2017. p. 195-197.

QUADROS, Claudemir de. *Marcas do tempo: imagens e memórias das brizoletas*. Santa Maria: Unifra, 2005. 120 p.



Autor:

CARLOS EVANDRO SCHNEIDER - Pedagogo. Supervisor Escolar. Especialista em Gestão Escolar, Pública e Previdenciária; Orientação e Supervisão Escolar; e Docência no Ensino Superior. Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela UNILASALLE. E-mail: carlos.201820425@unilasalle.edu.br.





Foto atual da vista da Casa do Morro
Vista do Rio Taquari, e das cidades de Cruzeiro do Sul, Lajeado e Estrela.
Fonte: Leandro de Marque. nov 2018

CASA DO MORRO

Cruzeiro do Sul é uma cidade situada às margens do rio Taquari, Vale que também possui essa nomenclatura, localizada na porção centro-leste do Rio Grande do Sul. Este Vale se situa na microrregião centro-oeste, e faz fronteira com diversos municípios como Estrela, Lajeado, Bom Retiro do Sul, Mato Leitão, Santa Clara do Sul e Venâncio Aires. Conta com 36 municípios colonizados por diversas etnias como índios, afrodescendentes e principalmente por alemães e italianos. Possui também duas grandes empresas: a Faros, que produz diversos produtos para consumo animal, e também a fábrica centenária de chocolate Natal.

Situada na cidade de Cruzeiro do Sul, a Casa do Morro é uma atração turística, que foi construída por ordem do Tenente Coronel Pri-

mórdio Centeno Xavier de Azambuja, filho de Laura e João Xavier Azambuja.

Com relação ao seu histórico, o governo de Portugal concedeu sesmarias a várias famílias para se proteger da ameaça da Espanha; no sul do Brasil não foi diferente, a concessão foi em sua maioria para descendentes de portugueses e alemães, na história de Cruzeiro do Sul, se destacou a família Azambuja, que ajudou a formar o centro da cidade.

O Tenente-Coronel Primórdio Centeno Xavier de Azambuja, primogênito do casal Azambuja, após ter lutado na Guerra do Paraguai e retornar ao Brasil, acabou herdando as posses de sua família. Com o falecimento de seu pai, João, ele continuou com a comercialização de terras, e também com as atividades agrícolas de sua família. No ano de 1872, começou a construção de sua casa, ao lado da residência de sua mãe, que nada mais é que o atual prédio da Prefeitura Municipal de Cruzeiro do Sul. Na realização da obra de sua residência, ocorreu naquele ano uma enchente de grandes proporções que acabou atingindo sua construção, destruindo-a quase por completo. Diante deste fato, o Tenente-Coronel Primórdio Centeno Xavier de Azambuja resolveu construir uma casa no alto do povoado, que mais tarde ficou conhecida como a Casa do Morro. Sua construção demorou aproximadamente cinco anos.

Ele residiu na casa do morro até o ano de 1898, e no dia 17 de maio do mesmo ano, ele morreu de causa natural. O Tenente-Coronel Primórdio não era possuidor de grandes fortunas, e sua herança foi dividida entre seus netos e sua filha Altina. Sem contar que suas dívidas eram maiores que o valor da metade de suas posses. Com isto, a casa foi vendida num leilão público no ano de 1901 e

foi adquirida por Leocádia Villanova de Azambuja e seu marido Rafael Fortunato de Azambuja.

A família Azambuja residia ainda lá por muitos anos, e após 1914, foi ocupada por inquilinos; e depois foi abandonada à própria sorte. Infelizmente muitos vândalos depredaram a casa pelo fato de acharem que haviam ali tesouros escondidos pela família Azambuja.

...para tentar recuperar e espantar os ladrões foram divulgados boatos de que a Casa do Morro era assombrada por fantasmas e lobisomens.

No ano de 1922 foi criado o 6º Distrito de Lajeado - denominado de São Gabriel da Estrela, isto causava problemas com a cidade de São Gabriel, então o governo resolveu modificar o nome no ano de 1940, de São Gabriel da Estrela para Cruzeiro do Sul.

Logo após esta denominação, no Brasil, naquela época, muitos nomes de municípios, vilas, cidades foram trocados. O município de Cruzeiro do Sul foi um dos atingidos passando a se chamar Setembrina. O povo não gostou do novo nome imposto à cidade, e esperando uma ocasião, pediu a modificação do nome da cidade para que voltasse a se chamar Cruzeiro do Sul e no ano de 1949, foi restabelecido este nome.

No ano de 1962, mais precisamente no dia 7 de agosto daquele



Foto antes da restauração da Casa do Morro - site da Prefeitura de Cruzeiro do Sul.



Foto atual com a restauração parcial da Casa do Morro.
Fonte: Leandro de Marque. nov 2018.

ano, através de um decreto da Prefeitura Municipal de Lajeado - pois Cruzeiro do Sul era seu 6º distrito, a casa do Morro foi declarada de utilidade pública, sendo então desapropriada - seu último proprietário foi Armando Lopes.

No ano seguinte, surge a ideia de se emancipar da cidade de Lajeado, para isto houve a realização de um plebiscito no dia 25 de agosto daquele ano, sendo que a vitória do "SIM" foi avassaladora. Após a divulgação dos resultados, no próximo dia, comerciantes e industriários fecharam seus estabelecimentos e com muita alegria saíram para festejar em todos os cantos da recém-criada cidade de Cruzeiro do Sul.

Em 1969, o governo municipal da cidade precisava eleger um patrimônio Histórico que representasse a vontade do povo, que ajudasse na construção da compatibilidade do novo município recém-criado. Não houve nenhuma dúvida quanto à escolha deste símbolo que até hoje é referência na região do Vale do Taquari - A Casa do Morro.

Depois disto, para tentar recuperar e espantar os ladrões foram divulgados boatos de que a Casa do Morro era assombrada por fantasmas e lobisomens. Infelizmente em que pese todas as tentativas de manter os ladrões e invasores afastados pelos boatos, não foi possível parar com essas depredações e invasões. Depois de um longo período de abandono, a Casa do Morro foi parcialmente recuperada e abrigou restaurantes, museus, bibliotecas e a Secretaria de Cultura de Educação do Município de Cruzeiro do Sul.

Um grande destaque da casa do Morro é sua localização, que privilegia uma visão do Rio Taquari, e das Cidades de Cruzeiro do Sul, Lajeado e Estrela. Um dos grandes destaques da Casa do Morro foi o restaurante chamado de "Casa do Morro", que era muito movimentado e frequentado por diversas pessoas do Vale do Taquari.

Hoje, apesar da casa do Morro

estar fechada, nesta mesma rua, pela fama deste local e por seu enorme número de frequentadores, três restaurantes disputam a clientela num espaço de apenas 500 metros. Infelizmente apenas um dos restaurantes, construído ao lado da Casa do Morro, possui a visão magnífica do rio Taquari que banha várias cidades, dentre as quais se pode visualizar do restaurante: Cruzeiro do Sul, Estrela e Lajeado. Desde o ano de 2001 a casa está fechada, sendo propriedade do Município e está aguardando obras de manutenção.

No ano de 2014, algumas alunas do Colégio Estadual João de Deus da cidade de Cruzeiro do Sul organizaram e criaram um grupo chamado de "Amigos da Casa do Morro", para tentar angariar recursos para investir e, se possível, começar uma reforma para reativar a Casa do Morro. O trabalho destas pessoas foi apresentado no poder Legislativo Municipal, que foi muito elogiado pelos representantes do povo.

Para a identificação de seus integrantes foi adotada uma representação que simbolizasse esta ideia - uma camiseta estampada com a figura da Casa do Morro. Esta novidade foi apresentada ao poder Executivo, representado pelo excelentíssimo Sr Prefeito Municipal, que demonstrou apreço e ofereceu ajuda aos representantes, dando início aos trabalhos por eles propostos.

Após várias reuniões deste Grupo com representantes do Poder Legislativo e Executivo, surgiram várias ideias como venda das camisas, de artesanatos e também realização de feiras, eventos, bingos, para a obtenção de recursos para começar a manutenção e conservação da Casa do Morro. Atualmente o município autorizou o recebimento de materiais doados e materiais de construção para a reforma da Casa do Morro, as doações podem ser feitas diretamente à Prefeitura, através da Secretaria Municipal de Educação e Cultura. Podem participar tanto pessoas físicas como jurídicas.

Outro ponto importante é re-

lativo ao tombamento. No ano de 2006, a Secretaria Municipal de Educação e Cultura iniciou o processo de tombamento, publicando edital e notificando proprietários de imóveis lindeiros. Com este ato de tombamento, tem-se a garantia de que o prédio histórico não poderá ser destruído ou descaracterizado. E também garante que perto da Casa do Morro não poderão ser construídos outros prédios que possam descaracterizar sua harmonia.

Em que pese o processo de tombamento, que desautoriza construções perto da Casa do Morro, muitas residências e prédios já estavam ali construídos, estes não foram afetados pelo ato de tombamento; e em relação à casa, é proibido trocar ou modificar as características originais de seu projeto arquitetônico.

Para a obtenção de recursos do Fundo Nacional de Cultura ou do Fundo Estadual de Cultura para restaurações é necessário que o bem esteja tombado, por isso foi necessário que se fizesse o tombamento.

Após a recuperação do prédio, a Prefeitura pretende implantar um Centro Cultural com espaços para diversas finalidades artísticas, de artesanato, música, dança, entre outros.

REFERÊNCIAS:

Site da Prefeitura de Cruzeiro do Sul - <http://www.cruzeiro.rs.gov.br/casa-do-morro/>

VOLKMER, Márcia Solange e GREGORY, Júlia Leite. *A Casa do Morro: um lugar de memória em Cruzeiro do Sul/RS*.



Autor:



LEANDRO DE MARQUE - Bacharel em Direito pela UFRGS. Pós-Graduado em Direito Tributário pela UNISINOS.



Imagem aérea do Parque Odilo Klein
Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Clara do sul

SANTA CLARA DO SUL

Uma cidade que vivencia o esporte e o lazer

Morar em Santa Clara do Sul significa ter acesso a espaços para esporte e lazer. Criado em 20 de março de 1992, por lei nº 9.621, o município situa-se no Vale do Taquari, região Central do Estado, possuindo 119 km de distância da capital. Apontada pelo último censo do IBGE, em 2010, a população de 5.697 pessoas é composta pela etnia italiana e alemã, sendo esta última predominante.

A cidade é tranquila e de espírito hospitaleiro. Durante a semana, as crianças e adolescentes têm a oportunidade de, no turno inverso ao da escola, praticarem esportes, sempre instruídos e supervisionados por professores de Educação Física contratados pelo poder público municipal. Já os finais de semana são regados a rodas de conversa nos jogos esportivos.

Um pouco da história da Cidade de Santa Clara do Sul

A denominação de Santa Clara do Sul originou-se de uma das filhas do colonizador Antônio Fialho de Vargas, terceiro proprietário do território atual do município

de Lajeado (a partir de 1853), que deu o nome de Irmã Clara de Santa Estanislau da Congregação de Maria (Maria Clara Fialho de Vargas), à fazenda de matas virgens "Fazenda Santa Clara", evento histórico ocorrido em 1869.

Eclesiasticamente o território santa-clarense era subordinado, desde seus primórdios à Freguesia de Santo Amaro e após, à de São José Taquari. Em 1873, à freguesia do 2º distrito de paz de Estrela, ou seja, Santo Inácio de Loyola de Lajeado.

Em abril de 1899, Santa Clara sediou o 2º Congresso Geral de Católicos do Rio Grande do Sul. Em 1916 foi inaugurada a atual Igreja matriz e, em 1929, foi criada a atual paróquia São Francisco Xavier, de Santa Clara do Sul. Em 1891, foi criada a vila de Lajeado que, em 1944, foi elevada à categoria de cidade.

Em 1914, Santa Clara do Sul foi elevada à categoria de 2º distrito de Lajeado, sendo que, em 1938, foi elevada à categoria de vila. Nos conturbados anos da Revolução Federalista de 1893/1895, os colonos santa-clarenses tomaram parte no combate contra o Bando de

Zeca Ferreira "Maragatos". Em 28 de maio de 1895, os colonos santa-clarenses, sob a direção de José Diel (Coronel José Diel, comissário e inspetor do quartelão de Santa Clara, vice-intendente de Lajeado e depois primeiro subprefeito do distrito) proclamado comandante civil da guarda local, e o sub-comandante Nicolau Klein, venceram os maragatos, colocando-os em fuga, fato histórico que muito orgulha a comunidade local.

Em agosto de 1895, foi fundada a Sociedade Alemã de Atiradores de Santa Clara, hoje extinta. Em 1913, teve lugar em Santa Clara do Sul a fundação do "Sindicato Rural para os colonos de Lajeado", que em 1938, se transformou na atual Associação Rural de Lajeado.

Em 1918, foi fundado o Tiro de Guerra 239, o maior e mais organizado do interior do Estado, que teve turmas de 130 recrutas. Em 1946, o referido Tiro de Guerra foi desativado, passando a constituir-se na Sociedade Centro de Reservistas de Tiro de Guerra 239, clube social.

Em 1945, o nome de Santa Clara do Sul foi mudado para "Inhuverá", por lei governamental, nome indígena que significa "Campo Resplande-

Entrada do Parque Multiesportivo Odilo Klein
Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Clara do sul



cente", sendo que, em 1948, novamente o distrito passou a chamar-se Santa Clara do Sul.

Em 1942, chegaram a Santa Clara do Sul as primeiras irmãs da Congregação da Divina Providência, que assumiram a Escola Paroquial, a atual Creche Municipal e o atual Hospital Imaculado Coração de Maria em 1953, que antes pertencia a Carlos Schnorr.

Em 1967, iniciou-se o Ginásio Comercial Santa Clara do Sul, mantido pela Campanha Nacional de Escolas da Comunidade, que em 1975, instalou o 2º grau - Auxiliar de Escritório - e atualmente denomina-se Escola Estadual de Ensino Médio Santa Clara.

Em 1969, Santa Clara do Sul festejou o centenário da colonização.

Em 1990, o distrito de Santa Clara possuía 3.000 habitantes, sendo que o núcleo contava com cerca de 2.040 habitantes (IBGE). Santa Clara do Sul foi o distrito de Lajeado com maior índice de alfabetização e foi o primeiro distrito a conseguir uma escola de 2º grau, que funciona desde 1975. O distrito estava composto pela sede urbana, a vila de Santa Clara do Sul, e mais oito comunidades, que são: Nova

Santa Cruz, Sampaio, Alto Arroio Alegre, Chapadão, Picada Santa Clara, Sampaio, Linha Serrana e São Bento, hoje pertencentes ao município de Santa Clara do Sul.

Em 20 de março de 1992, por lei nº 9.621, criou-se o município de Santa Clara do Sul, cuja data de instalação é de 1º de janeiro de 1993, fazendo parte dele, as comunidades de São Bento, Nova Santa Cruz, Chapadão, Alto Arroio Alegre, Linha Serrana, Sampaio, Sampaio, Picada Santa Clara e Rua das Flores.

Parque Multiesportivo Odilo Klein - uma opção de lazer e esporte

As obras do parque iniciaram em outubro de 2015 e foram concluídas em 28 de maio de 2016. Desde então, a estrutura de lazer e práticas esportivas são aproveitadas por crianças, jovens e adultos de domingo a domingo.

O parque foi construído às margens da Rua Alberto Schabbach, no centro da cidade. A estrutura tem uma área de 11.005,24 metros quadrados, possuindo pistas de skate e de caminhada, quadras de basquete e de areia, campo de futebol sete, academia ao ar livre

Parque Odilo Klein

Fonte: Prefeitura Municipal de Santa Clara do sul



e uma praça com brinquedos em madeira para crianças.

A denominação do parque é uma homenagem a um dos ícones da história de Santa Clara do Sul. Odilo Klein nasceu em 4 de junho de 1934, na Rua das Flores.

Desde jovem, seu Odilo Klein sempre demonstrou espírito comunitário, se envolvendo e se dedicando a diversas atividades. Participou do grupo teatral amador do município, presidiu a Paróquia São Francisco Xavier e o Círculo de Pais e Mestres da antiga Escola São José, integrou a comissão organizadora da Festa do Centenário da Colonização de Santa Clara do Sul em 1969 e foi tesoureiro da então Sociedade Centro de Reservistas do Tiro de Guerra 239.

Além disso, por 12 anos, Klein presidiu a Sociedade Centro de Reservistas, a qual reconstruiu em 1967, com a ajuda das comunidades local e vizinha, depois de um vendaval destruir o prédio. Em 1970, fundou o Grupo de Bolão Tiradentes. Durante sua gestão, foi construída a cancha de bolão no clube, à qual seu Odilo se dedicou por muitas horas na lixação da madeira e na sua preparação minuciosa. Na década de 80, foi responsável pela ampliação da sociedade.

Membro da comissão de compras do Hospital Comunitário das Irmãs da Divina Providência, ainda teve atuação marcante na vida política de Santa Clara do Sul, representando e defendendo os interesses do então distrito como vereador da cidade de Lajeado entre 1969 e 1972. Além disso, foi membro atuante da Comissão Emancipacionista.

Empresário de sucesso e com visão empreendedora, nos últimos anos de vida, seu Odilo se dedicou, pessoalmente, com a ajuda de sua filha Anelize e do historiador José Alfredo Shierholt, à pesquisa da história de imigração dos alemães e à fundação de Santa Clara do Sul. Ele tinha o sonho de produzir um livro sobre esses assuntos. Em dezembro de 2012, veio a falecer após ser submetido a um cateterismo

no Hospital Bruno Born, de Lajeado.

Para o santa-clarense Messias Mahle, 15 anos, o Parque Multiesportivo Odilo Klein é uma boa opção de entretenimento, "aproveito muito os espaços do Parque, jogo vôlei, ando de skate e sento nos bancos para tomar tererê com meus amigos. Sempre vejo muitas pessoas, e de várias idades praticando algum esporte ou curtindo uma sombra entre amigos ou familiares.". Messias também já participou de vários campeonatos de vôlei no Parque organizados pela prefeitura municipal, o que acaba atraindo pessoas da cidade e fora dela.

O poder público de Santa Clara do Sul tem como costume a promoção de jogos esportivos no Ginásio de Esportes, no Campo Municipal ou no Parque da cidade, sejam de vôlei, futebol, campeonatos de skate, etc., o que incentiva muitos cidadãos a procurarem pela prática de algum esporte, fazendo com que muitas pessoas vivenciem o uso do exercício físico, tão importante para a nossa saúde.

REFERÊNCIAS:

IBGE: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/rs/santa-clara-do-sul/panorama>

Portal Região dos Vales: <http://www.regiaodosvales.com.br/>

Prefeitura Municipal de Santa Clara do Sul: <https://www.santaclaradosul.rs.gov.br/>



Autora:

ANGÉLICA HEINEN MAHLE - Mestre em Memória Social e Bens Culturais. Especialista em Educação Especial e graduada em Pedagogia. Atualmente é professora de Educação Infantil e Anos Iniciais do Ensino Fundamental na rede privada de ensino.





Lagoa da Harmonia

Fonte: Acervo Prefeitura de Teutônia

CAPITAL NACIONAL DO CANTO CORAL

Teutônia – RS Histórico do Canto Coral

O Coro é o mais antigo entre os grandes agentes sonoros coletivos. Um dos registros mais antigos, descobertos na Caverna Cangul, na Espanha, aponta para a prática de cantos e danças em grupo na era neolítica, na pré-história. Antigos documentos do Egito e Mesopotâmia revelam-nos a existência de uma prática ligada aos cultos religiosos e às danças sagradas.

Ao longo da história do coro houve várias evoluções. Inicialmente como canto monódico (uma voz), mesmo sendo executado por um coro e a música. Mais tarde, o canto coral começou a ser executado com mais vozes (polifonia), assumindo uma técnica mais rebuscada e artística. O elo que une os dois é que o primeiro serviu de ponto de partida, de fundamento para o segundo, isto ocorreu nos séculos VII

e VIII, quando surgiu uma polifonia "aparente". Somente no século XI é que o sentido polifônico assumiu uma característica mais independente. Surgiu então o coro com um papel mais independente, inclusive ritmicamente. Desse modo, realizou-se no século XII a primeira reforma coral.

Com uma estrutura a três vozes, o coral atingiu seu apogeu no século XIII, principalmente na escola parisiense de Notre-Dame. Com o desenvolvimento da técnica coral, novas formas apareceram, onde se estabeleceu a tão comum estrutura a quatro vozes. Nesta época surgiram três formas de corais distintos: que possuía forma mais festiva; uma espécie de cantiga de roda; e aquele que aparece à Missa onde eram cantadas as principais partes da missa católica.

Na antiga Grécia, o Coral já era uma organização perfeitamente estabelecida e a ele era dada a maior importância em todas as funções sociais. Deixou de ter caráter exclusivamente religioso e passou a fazer parte de festas populares e orgias pomposas. Tem vida própria e passa a ser considerado como uma das mais elevadas expressões do ser humano. Em Atenas, o recrutamento, vestuário e instrução de um coro era um serviço público. A música ocidental cantada foi sistematizada pelo Papa Gregório I (590 a 604). Assim, surgiu o Canto Gregoriano, que tem como característica a riqueza melódica e a ausência de polifonia. O canto é uma melodia em uníssono e tem o ritmo livre.

Os romanos eram um povo ligado diretamente às guerras e às conquistas. Limitavam-se a copiar tudo o que encontravam. Tinham preferência pela flauta e suas orgias, longínquos precursores do carnaval. O coro cristão nasceu nas catacumbas de Roma. Assim, surgiu uma nova doutrina que entoava à divindade, pedindo auxílio para a sua causa e coragem para a luta sem tréguas, onde o ideal cristão haveria de

vencer. Somente quando o Imperador Romano Constantino se converteu ao cristianismo a música cristã conquistou sua liberdade e a ideia dos coros começou a se difundir.

O coral protestante foi difundido por Martinho Lutero (1483 a 1545), frade agostiniano alemão, que se rebelou contra a ostentação do luxo e as indulgências da igreja católica. Lutero era músico e percebeu que através dela poderia organizar e propagar em toda a Alemanha melodias populares e o canto Gregoriano com o repertório da língua alemã. Com o objetivo de que os fiéis entendessem o que estava sendo cantado e compreender bem o que a nova mensagem cristã dizia. Somente no século XV é que o coral começou a assumir a estrutura que é adotada

Com o Imperador Romano Constantino a ideia dos Coros começou a se difundir.

atualmente, formada por coralistas e um regente.

No Vale do Taquari, através do canto coral, surgiu a ideia dos festivais de música e encontros de corais, com o objetivo de divulgar a cultura trazida pelos antepassados, principalmente dos alemães de origem protestante.

A história da Colônia de Teutônia, RS

A história da Colônia de Teutônia está relacionada com a da imigração alemã iniciada em 1824, com a criação da Colônia alemã de São Leopoldo e a chegada dos primeiros colonizadores. A Colônia foi idealizada pelo comerciante atacadista Carlos Schilling que, em 1858, adquiriu terras devolutas do município de Taquari para dar iní-

cio ao seu projeto. Iniciou com a venda de lotes de aproximadamente 25 ha, aos agricultores. Em 1861, adquiriu mais uma área de terras também de Taquari para ter acesso à Nova Colônia de Teutônia, que loteou para vender. Nos anos de

Teutônia, RS, “Cidade que Canta e Encanta” é a Capital Nacional do Canto Coral.

1865/1866 chegaram a Teutônia os primeiros colonos, boa parte deles vinda da antiga zona colonial de São Leopoldo, alguns de Santa Catarina, outros diretamente da Alemanha (Pomerânia, Saxônia, Boêmia, Silésia) e da colônia frustrada de São Carlos, da Argentina.

Em 1868, chegaram 41 imigrantes Westphalianos, o que deu um novo impulso ao processo de desenvolvimento da região. Quanto às comunidades, sabe-se que a primeira picada de Teutônia foi Picada da Boa Sorte (hoje Bairro Canabarro), que contava com 48 lotes já no ano de 1858. Em 1860, foi aberta a Picada Hermann (Linha Germano), com 56 lotes e, em 1865, a Picada Boa Vista, com 52 lotes, seguindo-se a Picada Frank, em 1868, com 92 lotes. De 1869 a 1870: Picada Schmidt, Picada Clara e Picada Welp, com 49, 23 e 10 lotes, respectivamente. Outras picadas foram abertas entre 1872 a 1878, como a Picada Catarina. A Colônia de Teutônia pertencia ao município de Taquari de onde se emancipou Estrela, de Estrela se emancipou Teutônia e de parte de Teutônia, se emancipou Westfália. O atual município de Teutônia se emancipou de Estrela, em 24 de maio de 1981, que conta atualmente com área de 179 Km² e ocupa o 2º lugar em importância econômica no Vale do Taquari.

Capital Nacional do Canto Coral

A herança da tradição alemã está presente em vários aspectos no município de Teutônia-RS. Esta herança está representada pelo idioma alemão, pela arquitetura e pela música. Entre as várias manifestações culturais trazidas pelos imigrantes, uma especialmente se destaca: o canto coral, que é uma tradição dos seus colonizadores alemães, especialmente no município de Teutônia por se manter viva até hoje. A tradição do canto coral é usual em momentos distintos, principalmente em igrejas por ocasião de cerimônias como batismos, confirmações, crismas, casamentos, datas representativas na vida dos imigrantes e seus descendentes, festas de louvor e agradecimento e também em sepultamentos. Esta forma de manifestação coletiva ocorre principalmente no interior do município, zona rural, onde estão concentrados a maioria dos corais. Cada comunidade, pela sua tradição, possui um ou mais corais, que estão filiados à Associação dos Corais de Teutônia-ACOTE.

O município de Teutônia, RS tem por lema: “Cidade que Canta e Encanta”. Com, em torno de 41 co-

O município de Westfália detém um dos corais mais antigos do Rio Grande do Sul com 148 anos de atividades.

rais e cerca de 1.000 coralistas, é a Capital Nacional do Canto Coral. Este título nacional foi concedido à Teutônia pela Lei 13.563, sancionada pelo presidente Michel Temer no dia 21 de dezembro de 2017. Além



Festival evidencia canto coral em Teutônia
Fonte: Grupo A Hora

disso, o município também possui a Orquestra Municipal de Teutônia, que já conquistou por duas vezes, 1997 e 2000, o 1º lugar no Festival Internacional de Bandas, na cidade de Grimma, Alemanha. Mostrando dessa forma também, a aptidão do seu povo para a música e o canto coral, como uma memória social coletiva.

A História do Município de Westfália RS

A história do município de Westfália, que faz parte da Colônia Teutônia, colonizada a partir de 1858, iniciou com a chegada de imigrantes alemães vindos das regiões da Westfália e Hunsrück da Alemanha.

Recebeu o nome em homenagem aos imigrantes, que, em sua maio-

ria, são oriundos de uma região próxima à Holanda e que integra o atual estado da Renânia do Norte, Westfália. Os imigrantes alemães chegaram ao local por volta do ano de 1869 e falavam o dialeto westfaliano (Plattdüütsk), língua até hoje muito difundida entre os municípios westfalianos. No início tiveram muito trabalho para construir: estradas, escolas, igrejas e sociedades culturais, nas suas comunidades.

O Município integra as localidades de Linha Frank, Linha Schmidt, Linha Berlim e Linha Paisandu (antigamente conhecida por Picada Krupp), e ainda conta com as comunidades de Picada Molke, Picada Bismark, Picada Horst e Köln. Os nomes de cada localidade homenageiam os pioneiros Daniel e Ja-

cob Frank (Linha Frank), Cristian e Peter Schmidt (Linha Schmidt) e os irmãos Horst (Picada Horst); Picada Molke e Bismark são em memória de pessoas do alto comando alemão - general Helmuth Erhard Moltke e Otto Eduard Leopold Bismark, unificador da Alemanha, ambos da Prússia; Berlim (Linha Berlim) lembra a capital da Prússia e da Alemanha, após a unificação em 1870; Köln destaca a importante cidade da região da Westfália; e o nome Krupp (Linha Paissandu) está ligado à siderúrgica Krupp, uma importante empresa prussiana que contribuiu para a unificação da Alemanha. Westfália se emancipou em 16 de abril de 1996, de Teutônia e Imigrante. E instalado com administração própria, de município, em 1º de janeiro de 2001, possui uma área com superfície de 64 Km². Atualmente é o município com a melhor distribuição de renda per capita, do Brasil.

Sociedade de Cantores Aliança, Linha Frank Westfália, RS

Por tradição, o canto sempre constituiu uma modalidade de destaque na Alemanha. Para os primeiros imigrantes alemães que chegaram na linha Frank, Westfália-RS, em 1869, certamente, cantar ajudou-os a enfrentar a saudade da terra natal, dos familiares distantes, além de auxiliar nos desafios que o desconhecido trazia. O canto estava voltado a canções religiosas e folclóricas, evidentemente em alemão, trazendo alegria às noites escuras em família.

Nas reuniões com os vizinhos, além da troca de ideias e notícias, leitura da bíblia também se cantava, o que fez surgir os corais. O canto coral tratava-se de uma forma mais aprimorada de cantar em que se buscava a harmonia das vozes. Essa atividade normalmente ocorria à noite.

Em abril de 1876, foram elaborados os estatutos com 10 artigos na língua alemã, do coro de ho-

mens. Assim, em 07 de maio de 1877, foi fundado o oficialmente primeiro coral da Colônia Teutônia, Picada Frank, hoje Linha Frank, Westfália-RS, sob o nome de Deutcher Sängerbund, Coro de Homens, que mais tarde passou a ser Coro Misto formado por homens e mulheres. Por causa da 2ª guerra mundial, o referido coro passou a chamar-se Sociedade de Cantores Aliança. Esse coral já existia provisoriamente em 1870, isto é, sem estatutos, apenas com registros e apontamentos de ensaios em livro apropriado. O coral ainda hoje está ativo, com 148 anos, um dos mais antigos do gênero de todo o Vale do Taquari e do Rio Grande do Sul.

REFERÊNCIAS:

DAHMER, Hélio. *Documentário - Sociedade de Cantores Aliança Linha Frank*. Westfália, apostila, 2017.

FECORS. Disponível em: <<http://www.fecors.com.br/secao.php?pagina=1#>> Acesso em 05 de novembro de 2018.

TEUTONIA. Disponível em: <<http://www.teutonia.rs.gov.br/municipio>> acesso em 06 de novembro de 2018.

WESTFÁLIA. Disponível em: <<http://www.westfalia.rs.gov.br/site/home/pagina/id/139/?Historia.html>> acesso em 07 de novembro de 2018.



Autor:

RENATO KREIMEIR - Engenheiro Agrônomo com especialização em Gestão de Cooperativas e Gestão Financeira. Professor da Faculdade de La Salle Estrela, RS. Mestre em Memória Social e Bens Culturais.



IGREJA SÃO JOSÉ DE SANTA MANUELA: Minhas primeiras impressões

Quando surge a oportunidade de realizar uma pesquisa sobre algo da sua cidade, logo vem à memória algo que conhecemos bem, do qual temos muitas informações, geralmente escolhe-se um local para o nosso convívio. Também pensei dessa forma num primeiro momento, mas numa segunda análise, veio-me recorrer que seria essa uma oportunidade de escrever sobre um local que não conheço pessoalmente no meu município, apenas ouvi falar. Seria essa uma ótima oportunidade de conhecer a Igreja Católica da comunidade de Santa Manuela e conversar um pouco sobre ela com o professor Romeu, um guardião da história da comunidade e da Igreja.

Quais são as minhas informações sobre a Igreja? Quando me faço essa pergunta, logo me vem em mente as pinturas. Mesmo sem conhecer, sei que há pinturas lindas no seu interior. Tenho grandes expectativas em vê-las pessoalmente. Penso que é a Capela Sistina de Paverama, com suas pinturas no teto e nas paredes. Tenho curiosidade em ter acesso às informações escritas sobre a história dessa Igreja. Sei que ela apresenta uma arquitetura eclética. É uma antiga igreja do município, que tem frases e inscrições na língua alemã, mas que tiveram que ser cobertas de tinta no período da 2ª Guerra Mundial.

São menos de 6 km de estrada de chão do centro de Paverama

**Igreja São José de Santa Manuela - Paverama.
Fonte: Katiúscia D'Ávila**



[...] em abril de 2018 a comunidade de Santa Manoela, entrou como ponto de visitação de uma rota turística autoguiada [...]

até a comunidade de Santa Manoela. Muitos não gostam de andar por percursos de estrada de chão. É necessário diminuir a velocidade do carro mas, em contrapartida, temos mais tempo para perceber as paisagens, ouvir os pássaros e respirar o ar do campo.

O caminho não me é estranho. Tenho ótimas memórias sobre os piqueniques na Hípica Reckziegel, quando ainda estudava na Escola Estadual na década de 90, indo a pé da escola até o local do piquenique e ninguém reclamava. As histórias dos piqueniques são sempre recordadas nas rodas de conversas de amigos que juntos estudavam na Estadual. Segundo Halbwachs (1990, p. 80):

Dentro de tais meios todos os indivíduos pensam e se recordam em comum. Cada um, sem dúvida, tem sua perspectiva, mas em relação e correspondência tão estreitas com aqueles outros que, se suas lembranças se deformam, basta que ele se coloque do ponto de vista dos outros para retificá-las.

Além dos piqueniques, há os jogos de futebol no campo do Internacional de Santa Manoela, nos quais, atuando com o Grêmio Esportivo Sete de Setembro de Morro Azul, geralmente ocorriam desentendimentos diante dessa rivalidade Grenal do município.

Mas a Igreja... Fiquei com mui-

tas expectativas em conhecê-la pessoalmente. Sei que em abril de 2018 a comunidade de Santa Manoela entrou como ponto de visitação de uma rota turística autoguiada: "Caminhos de Paverama". Esse trajeto oferece a turistas e habitantes a oportunidade de descobrir e reconhecer a comunidade de Santa Manoela, brindando-os com os encantos locais.

Consegui agendar uma visita à igreja através da Sidilene Denise Christ, uma colega de aula lá dos tempos de Estadual, e que atualmente, também é professora municipal, atuando na Escola São José, de Santa Manoela, que leva o mesmo nome da Igreja.

Chegou o tão esperado dia de conhecer a Igreja São José de Santa Manoela e de conversar com o professor Romeu para conhecer peculiaridades do templo e da comu-

Sagrada Família abençoada por Deus
Fonte: Éber Gustavo Jung



[...] Então desde aquela vez, nem os padres não se arriscaram em trazer gente aqui. [...]

nidade em geral. Foram 50 degraus para chegar até a porta para tirar a prova sobre o que eu sentiria ingressando pela primeira vez na Igreja.

Foi e certamente sempre será uma sensação maravilhosa poder entrar numa igreja centenária. Principalmente se tratando de uma igreja do município em que resido. Aos meus olhos, a primeira coisa que me chamou a atenção foram as pinturas nas paredes e no teto. Não consigo parar de admirar! Resguardando as devidas proporções, lembra sim, a Capela Sistina, ao menos o que conheço dela.

Em meio às conversas com o professor aposentado José Romeu Kunrath, 73 anos, o guardião da história da Igreja, relatou que a sua construção iniciou no ano de 1912, com apenas 14 sócios na época. Toda a igreja foi construída por um único pedreiro e as pedras grês foram trazidas de carroça, todas de um único local, de cerca de mais de 3 km de distância, custando ao encarregado do serviço algumas carroças quebradas. A construção levou 5 anos.

A igreja foi inaugurada em 19 de março de 1917, dia de São José, motivo pelo qual ela é homenageada recebendo o seu nome: Igreja São José. Também em 1917, iniciaram as pinturas nas paredes e no teto. O único registro que se tem sobre as pinturas é uma data do ano de 1925, pintada no teto sobre o altar. A pintura foi realizada por um irmão marista argentino e a data de 1925, teria sido a data

de finalização das pinturas.

O professor relata que o pintor da obra original vinha até a atual cidade de Maratá, trazendo as tintas, onde era necessário buscá-lo de carroça, devido à quantidade de material. O irmão marista trazia todas as tintas em pacotes e latas e misturava no momento da pintura. Assim que terminavam as tintas, ele ia embora até Novo Hamburgo, ficava fora por dois ou três meses e voltava para pintar.

O que mais atraiu o meu olhar, e certamente o da grande maioria dos visitantes que entram pela primeira vez na igreja, é a dimensão das pinturas. São pinturas grandes, que transpassam a sensação de amplitude do ambiente. Penso o quão difícil foi realizá-las, principalmente as pinturas do teto, observo a proporcionalidade, o realismo e as

**Interior da Igreja São José.
Fonte: Katiúscia D'Ávila**



matizes formadas a partir de cores primárias e secundárias. Tudo isso proporciona um verdadeiro encantamento e uma sensação hipnotizante e admiradora do conjunto da obra. Imagens de santos, anjos tocando diversos instrumentos, representações divinas repletas de detalhes em perfeitas combinações de cores.

As pinturas sofreram interferências em 1942, quando por ordem de Getúlio Vargas, foi proibida a língua alemã no Brasil, então todos os escritos de salmos e provérbios na língua alemã foram cobertos por outras tintas. Até nas escolas os livros com textos em língua alemã foram recolhidos. Ver aqueles borrões de tinta sobre as frases em alemão aguça ainda mais a curiosidade sobre o que essa tinta realmente esconde. Permaneci por alguns minutos ali, tentando decifrar alguma letra, alguma palavra que levemente aparece, como que se suplicassem para serem lidas, redes-

Detalhe da Pintura em degradação de Santa Cecília.
Fonte: Éber Gustavo Jung



[...] Felicidade: por conhecer um lugar tão significativo e tão carregado de história, de memórias e de sensações; [...]

cobertas e novamente destacadas no lugar que lhes são de direito.

Referente à possibilidade de restauração das pinturas, o professor Romeu relatou:

“ o último que veio aqui, então, um grande engenheiro, que o padre arrumou, fez só isso aqui (passando o dedo numa parte da pintura da parede), chegando até aqui assim (altar) mostrou pro padre e pra mim, olhou de novo o dedo, e fez assim: larguei de mão! Aí o padre queria saber por que, e eu também. Ele disse: _ Não! É que são sete ou oito camadas sobrepostas e eu não sei o que que ele usou. Ele fez assim: (esfregando os dedos) como é que isso não apagou ainda em cento e tantos anos. Sete, oito camadas sobrepostas, devia ter apagado tudo já, como é que ainda tem? Então desde aquela vez, nem os padres não se arriscaram em trazer gente aqui. Não adianta! Desde que eu trabalho aqui, há 51 anos, acho que vieram 30 e todos eles agradeciam e falavam o mesmo discurso: _ Não, não... não vou botar a mão por que não sei fazer igual.”

Enquanto o professor Romeu contava e divagava sobre a história da igreja, consegui vislumbrar em meus pensamentos a história do professor de uma forma tão vívida como se minha mesmo fosse. Halbwachs (1990, p. 47) explica que

Toda a arte do orador consiste talvez em dar àqueles que o ouvem a ilusão de que as con-

vicções e os sentimentos que ele desperta neles não lhes foram sugeridos de fora, que eles nasceram deles mesmo, que ele somente adivinhou o que se elaborava no segredo de suas consciências e não lhes emprestou mais que sua voz.

Enquanto o homem divagava, “as lembranças que nos são mais difíceis de evocar são aquelas que não concernem a não ser a nós, que constituem nosso bem mais exclusivo, como se elas não pudessem escapar aos outros senão na condição de escapar também a nós próprios.” (HABWACHS, 1990, p. 49).

Dentre as diversas conversas e memórias relatadas, Romeu destaca que as partes de madeira da igreja são todas originais: bancos, altares, púlpito, escada para o mezanino, tudo teria sido feito em madeira, da própria região, por um morador local, do qual, Kunrath não recorda mais o nome.

Outro incidente dentre os mais de cem anos da igreja é o relato referente a um roubo de algumas peças em prata e até em bronze que havia na igreja, ocorrido há uns 35 anos atrás, juntamente com os paramentos de prata como o turíbulo, a naveta, e até um candelabro.

Atualmente o templo é usado para missas, com a presença do padre; no primeiro e no terceiro domingo do mês e nos demais domingos, são realizados cultos, sem a presença do padre, mas conduzidos pelo ministro da eucaristia.

Pouca coisa dessa história e, dessas informações, estão registradas. O guardião detém conhecimentos únicos, informações adquiridas de outros membros da comunidade que viveram no período da construção da igreja. Mas algumas lembranças já se perderam com os anos e infelizmente, não poderão mais serem recuperadas. Entretanto, é importante destacar que

[...] cabe à memória humana,

essencialmente auditiva, o status de guardião da história. [...] A oralidade contribui para “documentar” o mundo, suas mensagens e suas experiências de vivências, através de narrativas repetidas e mnemonicamente aprendidas. [...] (TRINDADE, 2017, p. 225).

Ao terminar minha visita à igreja, despertou em meu peito dois sentimentos: felicidade e arrependimento. Felicidade: por conhecer um lugar tão significativo e tão carregado de história, de memórias e de sensações; arrependimento: por ter protelado tanto tempo da minha vida para conhecer a Igreja São José, sua história, sua arte e suas lembranças presentes na memória do professor Romeu e em cada pedaço daquele templo.

REFERÊNCIAS:

HALBWACHS, Maurice. *A memória coletiva*. São Paulo: Revista dos Tribunais Ltda, 1990. 190 p.

TRINDADE, Ana Lígia de Oliveira. *Oralidade e Memória*. In: BERND, Zilá; MANGAN, Patrícia Kayser Vargas (Org.). *Dicionário de expressões da memória social, dos bens culturais e da cibercultura*. 2. ed. Canoas: Unilasalle, 2017. p. 224-226.



Autor:

ÉBER GUSTAVO JUNG - Professor de Anos Iniciais. Licenciado em Artes Visuais pela ULBRA/Canoas. Especialista em Psicopedagogia pela Universidade Santa Cecília. Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Unilasalle/Canoas. E-mail do autor: eber.201820426@unilasalle.edu.br.





Fonte: Blog Airton Engster dos Santos

DE PROFESSOR A ADMINISTRADOR PÚBLICO: memórias de Leonildo José Mariani

A partir de um bate-papo em forma de entrevista realizado com um dos personagens ilustres da cidade de Estrela-RS partimos para a execução deste trabalho que trata das memórias pessoais e sociais. E, estes registros são de uma grande importância porque vão relatar os feitos de um professor e administrador público.

Lembramos que nem sempre os precursores do legado de desenvolvimento de uma cidade são conquistados pelos filhos da terra. E para ilustrar este artigo vamos utilizar as memórias do professor e ex-prefeito Leonildo José Mariani que administrou a cidade de Estrela no período de 1989 a 1992 no primeiro mandato e 1997 a 2000 no segundo

mandato. Tais memórias nos remetem ao começo da biografia e suas relações com as pessoas, o que está de acordo com a ideia de que:

Para que a nossa memória se aproveite da memória dos outros, não basta que estes nos apresentem seus testemunhos: também é preciso que ela não tenha deixado de concordar com as memórias deles e que existam muitos pontos de contato entre uma e outras para que a lembrança que nos fazem recordar venha a ser constituída sobre uma base comum". (HALBWACHS, 2006, p. 39).

A história de Mariani começa na cidade de Aratiba, RS, onde nasceu no dia 10 de março de 1944 filho de agricultores o pai Stefano Mariani e a mãe Palma Scapin Mariani. Leonildo José Mariani é casado com Regiane Maria Wendel Mariani, tem 4 filhos, Carlos, Lucas, Mateus e Stéfani e três netos.

Com 29 anos, no ano de 1973, assumiu o cargo de docente no Colégio Santo Antônio em Estrela-RS. Sua carreira de estudante teve início em uma escola na área rural no interior de Aratiba-RS. Já o ginásio e o científico foram concluídos na cidade de Erechim -RS. Em Viamão, iniciou o curso de Filosofia e fez um ano de Teologia. Mas foi na Universidade de Passo Fundo que concluiu o curso de Filosofia.

A trajetória como docente teve início no Colégio Santo Antônio Estrela-RS e se prolongou por 15 anos. No Colégio Martin Luther Estrela-RS, trabalhou por 5 anos. Na Escola João Batista de Melo, em Lajeado-RS, permaneceu por 3 anos. Todas essas escolas são da rede privada de educação.

Na rede pública, atuou na Escola Estadual João de Deus no município de Cruzeiro do Sul-RS por 4 anos. Seguindo, lecionou na Escola Estadual Presidente Castelo Branco na cidade de Lajeado-RS, por 5

A trajetória como docente teve início no Colégio Santo Antônio Estrela-RS e se prolongou por 15 anos.

anos. No ano de 1973, as atividades se voltaram para o contrato na 3ª Delegacia de Educação, hoje CRE - Coordenadoria Regional de Educação, onde desenvolveu as atividades administrativas por 15 anos. No ano de 1976, foi aprovado no concurso público para professor na área de história e filosofia onde foi nomeado para dois contratos de 20 horas.

Durante 10 anos, ministrou cursos de formação na Escola Estadual Estrela da Manhã, hoje conhecida como IEEEM - Instituto Es-

Fonte: <http://www.estanciavelha.rs.gov.br/noticias/detalhe/2071>





Parque Princesa do Vale - Novembro 1994
Imagem do acervo digital histórico do site WWW.NOSSADICA.COM.BR

tadual Educação Estrela da Manhã, no período de férias para os professores "leigos" de escolas municipais, que na maioria das vezes eram indicados por prefeitos para as áreas rurais, e que não possuíam habilitação de magistério. A modalidade de curso de férias surgiu no Estado do Rio Grande do Sul pela preocupação com esses professores, para que estes pudessem ser inseridos após esta habilitação no plano de carreira do magistério estadual. Esse curso era ofertado pelo governo do Rio Grande do Sul de forma gratuita.

Uma das memórias inusitadas citadas por nosso entrevistado aconteceu durante uma avaliação onde se deparou com alunas muito dinâmicas que gostavam de "trocar ideias" durante a avaliação. Baseado no comportamento, resolveu elaborar quatro provas objetivas diferentes. O resultado disso foram muitas notas inferiores a cinco. Moral da história: Anulou a

prova e realizou outra atividade avaliativa. Nem por isso acharam a atividade extra penosa. Estas memórias afetivas guardadas em nossas lembranças voltam à tona quando somos convidados a relembrar nossas práticas docentes. Segundo Halbwachs (1990, p. 143), esse momento "[...] é aquele que ocupamos, por onde passamos, ao qual temos acesso e que fixa as nossas construções e pensamentos do passado para que reapareça esta ou aquela categoria de lembranças".

Em 1989, as atividades de docência foram interrompidas para que um novo desafio de trabalho também em prol da comunidade se desenvolvesse. A partir de 1989, passou a exercer um cargo na vida pública, sendo o prefeito da cidade de Estrela. E também de 1997 até 2000 retornou para novamente administrar a cidade.

Como homem público, de 1989 a 1992, sua preocupação com o Vale do Taquari não era apenas com as

idades polos, como também as que pertenciam à região dos Vales. Cidades estas que possuíam os mesmos interesses e necessidades. Para poder abrandar estas questões Econômicas e Sociais foi criado o CO-DEVAT (Conselho de Desenvolvimento Regional do Vale do Taquari) sendo Mariani nomeado o primeiro presidente. Com isso foi deixado de lado um pouco o "bairrismo" e passou a trabalhar com o coletivo em prol das comunidades do Vale.

Examinemos agora a memória individual que, segundo Halbwauchs (2003), não está inteiramente isolada e fechada. Para evocar seu próprio passado, em geral, a pessoa precisa recorrer às lembranças de outras, e se transporta a pontos de referência fora de si determinados pela sociedade. Mais do que isso, o funcionamento da memória individual não é possível sem esses instrumentos que são as palavras e as ideias que o indivíduo não inventou, mas tomou emprestado do ambiente.

Das atividades realizadas como administrador público foram três as que mais marcaram a sua carreira: a primeira delas foi ter mantido o "sangue de professor", como é observado nas suas realiza-

**Durante 10 anos,
ministrou cursos de
formação na
Escola Estadual
Estrela da Manhã,
hoje conhecida
como IEEEM –
Instituto
Estadual Educação
Estrela da Manhã
[...]**

**[...] o terceiro
grande orgulho foi
a criação do CEMAI -
Centro Municipal de
Atendimento Integral
– onde eram atendidas
todas as crianças
no turno inverso
da aula com
alimentação [...]**

ções voltadas para a área de educação. Isso foi percebido pois tinha a prática de visitar as escolas e creches mensalmente. Mesmo quando não havia verbas públicas, optava pela locação de imóveis para instalação de creches, adaptando as necessidades mais urgentes. No início conseguia atender aproximadamente entre 200 a 300 crianças nas creches, após o término da gestão, já era possível alocar aproximadamente 2000 crianças.

E o terceiro grande orgulho foi a criação do CEMAI - Centro Municipal de Atendimento Integral - onde eram atendidas todas as crianças no turno inverso da aula com alimentação, orientação para fazer os temas, trabalhos manuais e esportes. Este trabalho teve dedicação da professora Dorli Schneider e da primeira dama Regiane Maria Wendel Mariani. Uma curiosidade citada pelo Leonildo José Mariani, foi que na década de 90, na entrada da cidade, havia placa onde dizia: -" Estrela não tem criança de rua, ou estava na sala de aula ou estava no CEMAI" (Centro Municipal de Atendimento Integral). Um benefício deixado pelo CEMAI foi que muitos alunos foram capacitados e levaram este aprendizado para a vida adulta. E muitos adquiriram ofi-

Um dos grandes desafios foram as enchentes que assolavam a cidade. E nos anos de 1989 e 1990 foram removidas mais de 200 famílias para loteamento popular que não oferecia risco de enchentes.

cios, como o de padeiro.

Além das crianças, outro lado de atenção recai sobre os idosos, que no início houve uma certa dificuldade em atrair este público para encontros. A criatividade em tornar esta atividade rotineira, atraindo as pessoas idosas para os encontros semanais se deu através da distribuição de brindes, alimentos, ações que estimularam a participação da comunidade. Esta organização tem a dedicação especial da primeira dama, Regiane Maria Wendel Mariani. Outra forma de convite para as atividades do programa de rádio do sindicato, onde eram informados dia, hora e localidade do evento. Também era proporcionado transporte público até o local do evento. Essa ligação com o lugar é analisada por Halbwachs (2003, p.165) como uma "vinculação dos grupos a um espaço: os grupos estão ligados naturalmente a um lugar, porque é o fato de estarem juntos num dado espaço que permite aos membros criar laços sociais".

Mas nem tudo eram festas. Um dos grandes desafios foram as enchentes que assolavam a cidade. E nos anos de 1989 e 1990 foram removidas mais de 200 famílias para

loteamento popular que não oferecia risco de enchentes.

Um dos orgulhos da cidade e que atrai um público significativo para prática de esportes, lazer e também eventos em datas comemorativas é o Parque Princesa do Vale, mais conhecido como "Parcão". Esta área foi adquirida por Leonildo José Mariani no ano de 1992, foto na figura 2, onde o parcão já está sendo moldado na administração de Günther Wagner. E os demais bairros da cidade foram beneficiados com áreas de lazer e prática de esportes. Quase todas as comunidades do interior foram beneficiadas na construção de pavilhões destinados a esportes e festas da comunidade.

Encerrando este nosso relato fica uma afirmação de nosso entrevistado que diz que: - " a atividade política é desgastante mas ao mesmo tempo gratificante, principalmente quando voltada para as pessoas e não para as coisas".

Contudo, percebemos que suas raízes nunca serão esquecidas, seus feitos estarão sempre guardados na memória dos estrelenses que têm muito orgulho de seus cidadãos.

REFERÊNCIA:

HALBWACHS, Maurice. *A Memória Coletiva*. São Paulo: Centauro, 2003.



Autora:

MARCIANE BLUME INAMINE - Mestre em memória social e Bens Culturais. Professora graduada em Licenciatura em Ciências e Habilitação em Matemática pela Univates. Fez especialização em Gestão Financeira e Gestão e Docência para Graduação pela Faculdade La Salle. Atua na área de educação em escolas públicas, privadas, Senac e Faculdade La Salle.



FABRICAÇÃO DE CERVEJA ARTESANAL EM ESTRELA: Uma história, muitas lembranças, grandes negócios e o surgimento de muitos encontros...

O seguinte artigo tem como objetivo contextualizar a dinâmica da produção de cervejas artesanais no município de Estrela, apresentando informações relevantes para vincular com a cultura e o contexto vivido pelo município. Como fontes para a realização do artigo foram utilizados reportagens, entrevistas, e dados, assim como também importantes fontes bibliográficas.

Atualmente o movimento cervejeiro artesanal está em alta e projeta colocar a bebida em evidência, estimulando a ideia de que o consumo em menor quantidade, contudo com melhor qualidade é sim o principal motivo da adesão de milhares de consumidores a este novo pensamento.

No Estado são mais de 144 microcervejarias, sendo que o RS é o que possui atualmente o maior número de empresas de cervejas artesanais no Brasil. Este número representa atualmente 20% do total de fábricas sendo que o número atual é de 675.

Estes números demonstram que este novo cenário cervejeiro ganhou um espaço no mercado regional, as empresas de grande porte monopolizaram o mercado com produtos padronizados, abrindo desta forma uma oportunidade de negócio para o atendimento de um público que está em busca de um produto diferenciado.

Atualmente encontramos nos supermercados, restaurantes ou locais que praticam somente a venda destes produtos uma quantidade enorme de opções, trazendo diferentes sabores e aromas.

E é na encantadora cidade de Estrela-RS (princesa do vale) como é considerada por muitos, que encontramos um polo atrativo deste consumo, onde apreciadores da bebida e empreendedores se envolvem com a produção, estocagem e comercialização deste produto. Estrela-RS fica localizada no centro oriental, e conforme o censo de 2010 possuiu



Parque Princesa do Vale - Novembro 1994
Imagem do acervo digital histórico do site WWW.NOSSADICA.COM.BR

30.628 habitantes.

É neste contexto cultural que ocorre o **FESTIVAL DE INVERNO DE CERVEJA ARTESANAL**, que é organizado pela Acerva Estrela (Associação dos Cervejeiros Artesanais de Estrela). Este evento é muito tradicional e no ano de 2016 a edição contou com mais de 1.700 pessoas e com 20 cervejarias artesanais de todo o sul do Brasil.

Este festival surgiu com a ideia de fortalecer a cultura cervejeira da região, mostrando que é possível consumir cerveja em qualquer época do ano. No ano de 2019, o Festival, na sua 5ª edição, ocorreu no dia 27 de julho.

A Acerva Estrela foi fundada em 08 de maio de 2013, em Estrela-RS, é uma associação sem fins econômicos, que tem por finalidade difundir e aprimorar a cultura de produção de cerveja artesanal.

Cada região tem características e cultura própria, e com a cerveja não é diferente. Conforme

relato do Sr. Márcio Braun, presidente da associação, os encontros ocorrem mensalmente, e o objetivo é a integração, realização de palestras, degustações dos produtos que são desenvolvidos pelos próprios associados, reforçam a cultura cervejeira da região que é muito forte. Muitos rótulos desenvolvidos foram adotados por cidades e estados e se tornaram ícones e parte da identificação com a bebida.

A cidade de Estrela-RS, neste contexto, tem a Polar com essa identificação. Pois a história desta cerveja inicia na cidade, onde era produzida. O nome Polar foi adotado pela empresa em 1969 e posteriormente comprada pela Antarctica. A fábrica não existe mais, mas a Polar continua no coração dos Estrelenses. Em 20 de abril de 2006 a multinacional AMBEV anunciou a desativação da fábrica de cervejas.

"Meus amigos e meus familiares tinham orgulho em dizer que

trabalhavam na Polar. Ofereciam cerveja Polar para beber sempre que recebiam visitas. A valorização da Polar naquela época era evidente” (Entrevistada 11 – 10/07/2015). Ref. Monografia: Jéssica Taís Scheeren

“Pô Polar, Estrela é teu lar” (Movimento criado em 1999, por moradores da cidade de Estrela, para tentar manter a cervejaria na cidade).

Os textos citados relatam um pouco da importância da empresa Polar no contexto da cidade de Estrela. O primeiro representando o orgulho dos funcionários em meados dos anos de 1970. Já o segundo representa um movimento que aconteceu em 1999 na cidade de Estrela, em que os moradores expressavam o orgulho que era de ter a cervejaria instalada no município.

Os depoimentos retratam que o hábito de consumir cerveja pode ser um produto de consumo que sinaliza práticas e valores, assim como estabelece vínculos existentes entre um povo e a cerveja e,

Até hoje histórias são contadas relacionado a Polar como um assunto que ainda está na memória dos habitantes da cidade, nas fotos mais antigas, quando ocorriam as festividades, o rótulo aparecia como marco principal do evento.



Acervo da Aepan-ONG

sem dúvida nenhuma, além dos relacionamentos construídos tem um significado nas lembranças de momentos com amigos, de rituais, de comemorações e de emoções.

Até hoje histórias são contadas relacionado a Polar como um assunto que ainda está na memória dos habitantes da cidade, nas fotos mais antigas, quando ocorriam as festividades, o rótulo aparecia como marco principal do evento.

Conforme indicações de Samara e Morsch (2005) a cultura é o acúmulo de crenças, valores e costumes que direcionam o comportamento, exercendo uma grande influência e trazendo consequências com as normas ou mesmo as heranças sociais e culturais de um grande grupo de indivíduos. Isso se reflete já com a vestimenta típica alemã cultuada na região de Estrela, herdando, assim, um comportamento social e cultural valorizado há anos pelas famílias da região.

Segundo Solomon (2011), são comportamentos e símbolos que acon-

As lembranças trazem à tona sentimentos, emoções, e além deste contexto, temos que considerar também a movimentação econômica trazida à cidade de Estrela-RS com o crescimento das microcervejarias.

tecem repetidamente, lembrando assim, o ritual da gentileza.

Para Bauman (2002), o conceito de cultura se torna "subjetividade objetivada". Um esforço para entender o modo como as ações individuais podem ter validade coletiva e como as múltiplas interações entre indivíduos podem construir "uma realidade dura e implacável" (BAUMAN, 2002, p. 259), de uma sociedade alienada, que distingue as esferas públicas e privadas da vida humana. Para Bauman, é através da cultura que o homem se encontra "em um estado de revolta constante" (BAUMAN, 2002, p. 343) contra o estado paralisador voltado unicamente para o privado.

Samara e Morsch (2005) afirmam que, para satisfazer as necessidades, todo indivíduo é orientado pela motivação humana; Solomon (2011) entende que a motivação é compreender por que os consumidores fazem o que fazem. A motivação pode ser referida aos processos que fazem as pessoas se comportarem de um jeito ou de outro. Para Bergamini (1977), é possível manter as pessoas motivadas quando se conhece suas necessidades e lhes oferece fatores de satisfação para tais exigências.

Desta forma, podemos concluir que de forma geral, a motivação de

beber cerveja, se reunir e falar sobre fatos ocorridos anteriormente podem estar relacionados a símbolos (rótulos, fotos). As lembranças trazem à tona sentimentos, emoções, e além deste contexto, temos que considerar também a movimentação econômica trazida à cidade de Estrela-RS com o crescimento das microcervejarias.

REFERÊNCIAS:

HALBWACHS, Maurice. *Memória Coletiva*. São Paulo: Vértice, 1990.

CERVEJAS DO MUNDO - HISTÓRIA DA CERVEJA BRASIL. In: *Cervejas do Mundo*. Disponível em: <<http://www.cervejasdomundo.com/Brasil.htm>> Acesso em: 6 jun. 2015.

SAMARA, Beatriz S.; MORSCH, Marco A. *Comportamento do consumidor: Conceitos e Casos*. São Paulo: Pearson Prentice Hall, 2005. SOLOMON, Michael R. *O comportamento do consumidor: comprando, possuindo e sendo*. 9. ed. Porto Alegre: Bookman, 2011.

BAUMAN, Z. 2002. *La cultura como praxis*. Buenos Aires, Paidós. Monografia: Jéssica Taís Scheeren - Pô Polar, estrela é teu lar compreendendo a prática do consumo de cerveja em Estrela. Nov.2015.



Autora:

ELAINE NAGEL - Graduada em Administração de Empresas pela Universidade de Santa Cruz do Sul, UNISC, pós-graduada em Gestão Estratégica de Pessoas pela Fundação Getúlio Vargas, Mestre em Memória Social e Bens Culturais pela Universidade La Salle, Canoas. Atua também como consultora de empresas e palestrante. E-mail: elaine.nagel07@gmail.com.





MNEMOCAST
2ª Temporada

Mnemocast | Podcast on Spotify

Foto: Fernando Pires



Revista da Disciplina de
Oficinas de Linguagens
Culturais e Suas
Formas de Expressão
1º Semestre · 2021
Ano 11 · Nº 17
Edição Especial Turma Fora de Sede Estrela

Memórias... tantas memórias. Cidades do Vale do Taquari

ISSN 2358-1581

memória e linguagens
culturais

UNIVERSIDADE
LaSalle 